Os melhores livros sobre a Russia Sovietica e o Marxismo

URSS, UMA NOVA CIVILIZAÇÃO, de Sidney Webb, 2 vols. .... Cr$ 120,00
INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO MARXISMO, por F. Engels, A. Talheimer, I. Harari e L. Segal .... Cr$ 30,00
MARX, ENGELS, MARXISMO, por Lénin Marx e Engels, 2 vols. cada um Cr$ 25,00
A DEFESA ACUSA..., por Marcel Willard .... Cr$ 25,00
NOÇÕES FUNDAMENTAIS DE ECONOMIA POLÍTICA, de Luiz Segal, 2 vols. cada um .... Cr$ 25,00
A QUESTÃO AGRARIA, de V. L. Lenin Cr$ 25,00
HISTORIA DO SOCIALISMO E DAS LUTAS SOCIAISª de Max Beer. 2 vls. cada um .... Cr$ 25,00
PRINCIPIOS DE ECONOMIA POLÍTICA, de Lapidus e Ostrovitianov, 2 vls. cada um .... Cr$ 25,00
LENIN, SUA VIDA E SUA OBRA, de D. S. Mirski .... Cr$ 25,00
CARLOS MARX, SUA VIDA e SUA OBRA, de Max Beer (Como Apêndice, um resumo de O CAPITAL, feito por Lafargue) . . . . Cr$ 25,00
STALIN, de Emil Ludwig (Como Apêndice. A NOVA CONSTITUIÇÃO SOVIÉTICA . . . . Cr$ 25,00
TRÊS PRINCÍPIOS DO POVO, de Sun Yat-Sen . . . . Cr$ 25,00
A ORIGEM DA FAMÍLIA, DA PROPRIEDADE PRIVADA E DO ESTADO, de F. Engels. (Como Apêndice, O CÓDIGO SOVIÉTICO DA FAMÍLIA) Cr$ 25,00
CAUSAS ECONÔMICAS DA REVOLUÇÃO RUSSA, de M. N. Pokrowski Como Apêndice, PREÇO, SALARIO E LUCRO, de Marx .... Cr$ 25,00
PROTEÇÃO A MATERNIDADE E A INFANCIA NA UNIÃO SOVIÉTICA, pela dra. Ester Conus .... Cr$ 25,00
A MEDICINA NA RÚSSIA SOVIÉTICA, pelo Dr. Lelio Zeno .... Cr$ 25,00
ENTRE DOIS MUNDOS, memórias de Anne Louise Strong .... Cr$30,00
RIO SELVAGEM, de Anna Louise Strong . . . . Cr$ 25,00
A RÚSSIA ESMAGARA' O JAPÃO, por Maurice Hindus .... Cr$ 20,00
O SEGREDO DA RESISTENCIA RUSSA, por Maurice Hindus .... Cr$ 25,00
SANTA RÚSSIA, por Maurice Hindus Cr$ 30,00
NA RUSSIA NÃO HA MISTÉRIOS, por Edmund Stevens .... Cr$ 30,00
O PODER SOVIÉTICO, pelo Deão de Canterbury .... Cr$ 25,00
O CRISTIANISMO E A NOVA ORDEM SOCIAL NA RÚSSIA, pelo Deão de Canterbury. (Como Apêndice, A CONDIÇÃO DE TRABALHO, por Henry George) .... Cr$ 25,00
MISSÃO EM MOSCOU, por Joseph E. Davies .... Cr$ 25,00
ASIA SOVIÉTICA, de R. A. Davies e A. J. Steiger .... Cr$ 25,00
A VERDADE SOBRE A RELIGIÃO NA RUSSIA, pelo Patriarca Sergio e outros Cr$ 25,00
O GENIO DA REVOLUÇÃO PROLETARIA, biografia de Lenine, organizada pelo Instituto M. E. L., de Moscou .... Cr$ 25,00
ANTI-DUHRING, por Frederico Engels Cr$ 30,00
DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO, por John Reed .... Cr$ 25,00
DEMOCRACIA DE HOJE E DE AMANHÃ, de Edward Benes .... Cr$ 25,00
A RUSSIA NA PAZ E NA GUERRA, de Anna L. Strong .... Cr$ 25,00
TRECHOS ESCOLHIDOS. (Literatura e Arte), de Marx, Engels, Lenine e Stalin .... Cr$ 25,00
TRECHOS ESCOLHIDOS. (Economia, Filosofia e História), por Carlos Marx. 2 vls. Preço de cada volume .... Cr$ 25,00
MISSÃO EM TOQUIO, de Joseph C. Grew . . .. Cr$ 30,00
A CHINA LUTA PELA LIBERDADE, de Anna Louise Strong .... Cr$ 25,00
A QUESTÃO SOCIAL E OS CRISTÃOS SOCIAIS, de Lisandro de La Torre .... Cr$ 25,00
JUDEUS SEM DINHEIRO, de Michael Gold . . . . Cr$ 25,00
EU FUI UM GUERRILHEIRO SÉRVIO, de Paul Sebescen .... Cr$ 25,00

EDIÇÕES POPULARES (COMPLETAS) JÁ PUBLICADAS

EDUCANDO PARA A MORTE, de Gregor Ziemer .... Cr$ 10,00
O PODER SOVIÉTICO, do Deão de Canterbury (320 pags.) .... Cr$ 10,00
DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO, de John Reed .... Cr$ 10,00
A RUSSIA NA PAZ E NA GUERRA, de Anna Louise Strong .... Cr$ 10,00
FUNDAMENTOS DO LENINISMO, de J. Stalin. No mesmo volume PROBLEMAS DO LENINISMO e MATERIALISMO DIALETICO e MATERIALISMO HISTORICO (320 pags.) .. Cr$ 10,00
O ABECEDARIO DA NOVA RUSSIA, de Iline (268 pags.) .... Cr$ 10,00
MANIFESTO COMUNISTA, de Marx-Engels. Com uma INTRODUÇÃO HISTORICA de Riaznov e varios apendices que ajudam a interpretar esse famoso documento (304 pags.) .... Cr$ 10,00
PEQUENA HISTORIA DA REVOLUÇÃO BOLCHEVIQUE, do Prof. Leonidas de Rezende .... Cr$ 10,00
O CRISTIANISMO E A NOVA ORDEM SOCIAL NA RUSSIA, pelo Deão de Canterbury. Como apêndice, um resumo da Historia do Partido Comunista (b) da URSS, feito por uma comissão do CC do PC da URSS, obra que todo militante deve ler (288 pags.) .... Cr$ 10,00
DUAS TATICAS, de V. I. Lenin. Como Introdução e Apêndice, diversos documentos que possibilitam melhor interpretação deste trabalho)272 pags.) Cr$ 10,00

PEÇA PELO REEMBÔLSO POSTAL
6 VOLUMES DA EDIÇÃO POPULAR POR 50 CRUZEIROS

A ALMA DA QUINTA COLUNA É O INTEGRALISMO

EDITORIAL CALVINO LIMITADA

AVENIDA 28 DE SETEMBRO, 174 ——— RIO DE JANEIRO

Mate
PARA
Bêbê
Q.C.

ESFERA

REVISTA DE LETRAS, ARTES E CIÊNCIAS

ADMINISTRAÇÃO

Diretor
Sylvia de Leon Chalreo

Gerente
Durval Alvarez Serra

Redator-Chefe
Dias da Costa

Secretária
Maura de Sena Pereira

REDAÇÃO
Rua Lavradio, 55 - Sala 12
Rio de Janeiro

ENDEREÇO
Caixa Postal 2013
Telegrama ÈLP
Rio de Janeiro

OFICINA
"Vida Turfista"
Rua Sacadura Cabral, 183
Rio de Janeiro

PRÉÇO
Cr$ 2,00
Número atrazado: Cr$ 3,00

SUMARIO

NUMERO 12 FEVEREIRO - 1946

MARGUERITE AUDOUX

O ATELIER DE MARIA CLARA

Xilogravuras de RENEFER

Tradução de DIAS DA COSTA

Na mesma coleção

MARIA CLARA - Marguerite Audoux

O Pai Perdiz - Charles-Louis Philippe

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

AV. APARICIO BORGES
207, s. 1.003
Fone: 42-5071 — Rio de Janeiro

EDIÇÕES ESTRELA LIMITADA

AUTONOMIA

DALCIDIO JURANDIR

Ando pelos morros e vejo a velha e morna miséria. O povo não é triste mas chegou a um limite, a sua capacidade de sofrimento e de apenas esperança. Olho os barracos, a falta dágua, os pés sujos e duros dos meninos, jovens no chão, sem divertimentos, moças batendo roupa ou carregando latas dágua de uma bica distante para depois formarem na roda do samba. Vejo o olhar do trabalhador em esgôto, do ensacador de café, do estivador, do pedreiro, do servente, dos que trabalham em feira, dos que quebram pedras nos morros queimando ao sol. Olho os despejados do Jacarézinho, as mulheres revoltadas do morro da S. Clemente e aquele barraco que não é mais barraco mais uma caverna, moradia do homem pre-histórico, em que havia estampas de santos, e a pungente mulher gravida na enxerga. Lembro-me que fazia frio e a ordem de despejo pesava sôbre seiscentas famílias do morro. Lembro-me que as mulheres contavam outras histórias como o mesmo drama. Vinham da cidade onde foram despejadas e agora teriam que descer mas onde, onde morar?

Passei um domingo na rua Santa Isabel, rua símbolo, rua como ha milhares no Brasil, coberta de mato, com um atoleiro, sem alinhamento, crianças perto dos charcos, do lixo e esgôto das sentinas. Vi na Praia do Pinto milhares de pessôas morando na lama, no chão, nos becos escuríssimos e em tudo isso a paciência do povo, a esperança do povo, a sua alegria ao se voltar para a voz de um partido que o chama e organiza, o seu glorioso Partido Comunista.

Em toda esta cidade cheia de lixo, de crianças morrendo, de sentinas escorrendo para as ruas, de operários morando em cavernas, de tuberculosos, de pingentes e filas, filas e filas para o querozene, a carne, o leite, os hospitais, as maternidades, sente-se que nada se fará se não fôr dada ao povo a autonomia que êle quer e quer já de ha muito tempo.

Que melhor político no Brasil do que o povo carioca, agil, com o seu humour, a sua independência, o seu amor à cidade, o seu espírito democrático? Esse povo quer eleger o seu govêrno, quer governar-se, quer ser o dono da sua cidade, quer eleger homens e mulheres que sejam capazes de aterrar as valas de Mangueiras, aumentar as bicas no Morro da Liberdade, alinhar a rua Santa Isabel, e suas irmãs, fazer verdadeiros parques proletários, acabar com as filas do querozene e do transporte, aumentar os carros elétricos da Linha Auxiliar, mandar "vacas leiteiras" para as ruas anônimas do subúrbio onde têm mais crianças que em Copacabana. E hospitais e maternidades e creches. O Hospital Miguel Couto, por exemplo, é uma vergonha. Seus médicos e enfermeiros nada podem fazer. A assistência hospitalar ao povo não póde ser a da indigência. O povo quer tudo de bom e o do melhor por que êle é que produz, súa e seu batedor é que cria o mundo dado apenas a uma minoria.

O povo carioca quer a súa autonomia. Não quer mais ter tutor. A miséria é grande, a fome aumenta, não ha casas e os filhos do povo não sabem onde ha escolas nem leite. Deixem, então, o povo escolher livremente os seus governantes e vejam se êle é ou não capaz de começar uma vida melhor.

BRASIL vs. ARGENTINA

ABELARDO ROMERO

Antes de um jôgo entre argentinos e brasileiros, todo mundo já sabe que o pau vai comer. E come, mesmo. Mas, por que o pau come? Sôbre êste ponto há opiniões e palpites os mais absurdos· O torcedor comum e o cronista comum acham que se trata de uma rivalidade espontânea, incontrolável e fatal. Acabará em guerra — juram os exaltados.

Aí está o grande êrro. A rivalidade entre argentinos e brasileiros nada tem de espontânea. Foi criada e está sendo carinhosamente cultivada. Dá lucros. E grandes lucros. Ainda há pouco, no encerramento do Congresso do Extra, em Buenos Aires, um procer argentino, general desportivo, afirmou que o certame teria sido um fracasso financeiro sem a participação do Brasil. Os brasileiros forçam rendas records, e isto é o que interessa...

A rivalidade criada produz grandes lucros. Mas os lucros maiores não serão, de futuro, nem para a AFA, nem para a CBD, mas para outras entidades extra-continentais que não têm nada a ver com o esporte. E são tais entidades que fomentam a rivalidade entre a Argentina e o Brasil, valendo-se de um inflamável: — a bola de futebol. Quem tira maior proveito das partidas entre platinos e nortenos, não são, portanto, os *bosses* das confederações desportivas, mas os agentes do capital colonizador. Argentina e Brasil são paises em vias de independência econômica. Dentro de mais alguns anos poderão deixar de ser semi-colônias de americanos e ingleses· Como evitar a independência dos dois países? Muito fácil: — debilitando-os. Como debilitá-los? Pela guerra. E como arranjar guerra entre duas nações que não lutam pela conquista de mercados externos e nem de espaços vitais? Pelo futebol dirigido por negocistas.

Que devemos fazer, então? Acabar com os jogos internacionais, dizem uns. — Romper relações desportivas com a Argentina — dizem outros. Aí está outro êrro. Eu, que sou contra Perón e seus *pistoleros,* sou favorável, entretanto, ao intercâmbio desportivo entre os nossos países. Acho mesmo que a melhor maneira de se desmoralizar a teoria da rivalidade fatal seria fazer com que brasileiros e argentinos jogassem mais amiúde. Nos jogos de futebol há grandes massas humanas. Por que não aproveitar a oportunidade para fazer, nos estádios, uma boa propaganda política? Se a torcida carioca vaia o time alvi-celeste e a *hinchada portena* recebe os nossos craks com confetti de garrafas vasias, isto prova apenas uma coisa: — que o futebol, nos dois países, é dirigido e explorado por cavalheiros que, conscientemente ou não, agem como comerciantes e agentes do capitalismo estrangeiro· São êles os principais pormotores dessa discórdia desportiva cujos melhores frutos estão reservados para os Zaharoffs e outros industriais da guerra.

Reconheço que os dirigentes do futebol não são os únicos culpados, mas repito que são os principais. Reconheço também que há muito moleque no Brasil e na Argentina· Sei que lá, como aqui, há militares fascistas. Mesmo entre os jogadores há elementos fascistas. Aponto, em primeiro lugar, o half Batagliero, porque o considero o agente provocador do ensaio de massacre na cancha do River Plate. Esse moço é fascista. Tendo quebrado a gambia num choque imprevisto com Ademir, Batagliero passou a ter ódio ao meia. Mas não se limitou a odiá-lo. Passou a ter ódio aos dez companheiros de Ademir, a tôda a torcida carioca, ao Brasil inteirinho. Agora, em Buenos Aires, na hora do jôgo, Batagliero foi capengando até o River, pediu a dois *pistoleros* que o carregassem no ombro, e saiu pela cancha, a exibir a gambia quebrada e a exclamar para a massa: — "Remember Rio!"

Positivamente, Batagliero é fascista. Só um fascista age dessa maneira. Fascistas, também, são os polícias que agrediram os nossos rapazes e os hinchas que pediam a cabeça de Procópio, imitando Salomé... Mas Batagliero e seus pistoleros, os polícias de Perón e os "salomés" de Procópio não são o povo argentino· Por outro lado, aqueles que vaiaram os argentinos, em São Januario, não são desportistas e nem bons demcratas. Entre êles há provocadores fascistas·

Mas, que fazem os próceres para acabar com isso? Que eu saiba, não fazem nada. E quando fazem algo, é sempre para pior. Cogita-se agora de interromper o intercâmbio futebolístico entre a Argentina e o Brasil. A medida, estou certo, provocará maus resultados. Experimentem, e verão. Sou pelo intercâmbio. Quanto mais jôgo, melhor. No meio da massa é fácil fazer propaganda. No dia em que as grandes torcidas perceberem que dos pés dos cracks podem sair goals, mas nunca tiros de canhão, e no dia em que a torcida do Rio e a hinchada de Buenos Aires perceberem que estamos lutando pelos mesmos ideais — a nossa independência econômica — aí, então, estou certo de que o nosso esquadrão branco e o time alvi-celeste serão recebidos e despedidos com flores nas duas grandes cidades. Mas para que isso aconteça, será preciso antes uma limpeza na Argentina e no Brasil. E todo o mundo sabe o que se deve limpar...

Batuque — *Irinas Fox*

O Carnaval da Vitoria *se aproxima e já se ouvem os batuques e samba descendo dos morros para os dias de grande festa da cidade. As vozes se elevam misturadas aos sons dos pandeiros e das cuicas fazendo imprecações, manifestando anseios, jurando e prometendo. Todos terão que ouvir para a inspiração de seu destino essa linguagem popular que marca bem fundo a emoção coletiva. Mais um carnaval para o Brasil, agora um carnaval diferente, o verdadeiro carnaval da liberdade!*

A tuberculose e a autonomia

Alvaro Vieira

Depois de uma fase anestesiante na política nacional, imposta pelos métodos anti-democráticos, voltamos os olhos para a realidade do Distrito Federal, sem autonomia, reduzido a simples domínio do mais alto magistrado da Nação. Por mais que não se queira ser bairrista, dentro da comunidade brasileira, temos que aceitar a importância econômica do município metropolitano, sobrepujando os maiores Estados da Federação, à exceção unicamente de São Paulo. Sem o querer vamos logo comparando êste colosso com o nosso malbaratado e querido Estado de Minas Gerais, reduzido pelo incrível "Benedito" à condição modestissima, rebaixado do seu segundo ou primeiro lugar no balanço geral do passado, com as demais unidades, antes da implantação da mediocridade e do totalitarismo entre nós. E' bem verdade que nessa época ditatorial Estado nenhum gozava de autonomia. Viviamos o regime dos interventores, dos "puxas" que mais agradassem o seu preposto. Por isso mesmo também o Distrito Federal perdeu seu equilíbrio político, passando a oscilar de acôrdo com as conveniências da ditadura. Se podemos dizer que a séde da metrópole evoluiu e apresentou reais progressos, só o reconhecemos em sua plena autonomia política, com um Prefeito eleito e prestigiado pela massa popular, o qual encarou os mágnos problemas municipais de frente, sem se espantar com o vulto das operações financeiras.

Tratava-se de um estado autônomo, com um passado histórico, com direitos políticos e morais inalienáveis, com homens dignos e esclarecidos e com um futuro amplo e promissor a zelar, que não poderia ser negligenciado.

Golpeado de fundo na sua alma cívica, não perderam a fé nos seus destinos autonomistas, todos aqueles que aprenderam a amar esta terra, embora vindos de outros cantos dêste imenso Brasil.

A campanha autonomista não significa apenas uma bandeira política, um aglomerado de homens e de idéias com intuitos subalternos. A autonomia do Distrito Federal significa qualquer coisa mais que consolidar as liberdades conquistadas à custa de muito sacrifício e sangue, significa Democracia.

Não acreditamos portanto que a Constituinte deixe de reconhecer um direito sagrado desta esclarecida população, repondo-a no seu merecido lugar de autonomia, liberdade e independência.

O Distrito, nos poucos anos de autonomia, através de seu grande Prefeito Pedro Ernesto, viu realizada uma verdadeira obra ciclópica que a ditadura nem soube conservar — foram construidos hospitais nos diversos pontos do Rio, escolas por tôda parte e se cuidou seriamente do problema educacional.

Nesse tempo o problema da tuberculose não estava afeto à Municipalidade, era tarefa da União. Por isso mesmo a tuberculose só tem aumentado, desoladoramente, atingindo hoje às cifras escandalosas que nos comprometem perante as demais capitais civilizadas. Se necessitamos pelo menos de 7 mil leitos para essa terrível moléstia contagiosa, só aqui na capital da República, não dispomos nem de mil e quinhentos !

Num país que encara com realidade a situação da saúde de seu povo, e que sente que nessa matéria não é possivel pensar-se em economia, a relação do número de leitos necessários para essa doença é de tres para um. Trocados em miúdos, significa que para cada óbito verificado, por ano, de tuberculose, são precisos três leitos hospitalares! Deus nos acuda! Perdemos aqui na capital 7 mil individuos; portanto precisariamos, só para tuberculose de 21 mil leitos!

Quando sabemos que ainda por economia deixamos de fazer funcionar algumas dezenas de leitos que levaram cinco anos para ser concluidos, então é que nos decepcionamos verdadeiramente e lastimamos a nossa incúria ou timidez. Somos absolutamente tacanhos em matéria de proteção social. Preferimos apresentar no fim de um ano de govêrno equilibrio financeiro ou alguns milhares de cruzeiros de reserva, ocultando com essa farsa administrativa as mais horrendas feridas que destroem o organismo de uma Nação nova como a nossa. Para os grandes males os grandes remédios — é um velho aforisma médico, e que se não nos falha a mèmória foi dito por Miguel Couto. Jamais teriamos homens capazes de olhar com essa coragem para o futuro do Brasil. O comodismo da nossa gente, e talvez mesmo por uma

Crianças do Rio sentidas pela pintora France Dupaty

condição da patologia social que também nos afeta, põe arrepios de medo na coluna dorsal dos nossos homens públicos, arrepios que contagiam até aos mais puritanos cientistas, que concordam diante da gravidade da situação, com a postura estática de que é bom mesmo esperar que morra a metade da população para enterrar com ela a metade dos bacilos! e, assim, por uma auto-destruição nos limpassemos das mazelas que nos atingem.

Eis aí sem exageros, a nossa herança mórbida a nos encher de fobias diante dos nossos grandes problemas.

Resta-nos, finalmente, um exemplo e uma atitude. O exemplo da autonomia que nos possibilitou muito, e a atitude de um Pedro Ernesto, imensamente humano e corajoso.

Teremos a autonomia do Distrito Federal e com o nosso Prefeito eleito pela vontade do povo, justifica-se esperar com paciência a resolução do grave problema da tuberculose, tão alarmante, nesta linda Rio de Janeiro.

O CARIOCA QUER AUTONOMIA

DURVAL SERRA

O muro amanheceu com grandes letras brancas, chamando a atenção de todos os que passavam, como um grito que não se pode deixar de escutar. Está na hora de corrermos para o trabalho, mas não podemos passar sem parar em frente, lêr e comentar também. Alguns param, outros prosseguem apressados repetindo: — AUTONOMIA !

Um menino lê e grita: — AUTONOMIA ! — O POVO QUER AUTONOMIA ! e avança desabaladamente para apanhar um bonde pejado de pingentes.

— E' isso mesmo, precisamos de Autonomia. Era um senhor preto e velho quem opinava.

— O senhor também quer Autonomia ? perguntamos.

— Ora, e quem não quer Autonomia ? Os cariocas têm direito e precisam exigir o que até agora lhe negaram. Mas o povo sabe e compreende muito bem que sem autonomia, a vida nesta terra continuará de mal a pior. Com um prefeito escolhido pelo povo, teremos pelo menos a esperança de que a vida melhore. Estou velho, sou carioca, já tenho netos e não posso andar muito satisfeito com as coisas no pé em que andam. Cada dia a vida fica mais apertada. Quando tivermos um prefeito saído do meio do nosso povo e eleito pelo povo, as coisas terão que mudar, porque êsse sim, vai compreender bem o que necessitamos.

Em dois tempos formou-se um aglomerado em volta, procurando escutar e depois dividiram-se em grupos que discutiam. Não eram discussões vasías, todos tinham opinião, conheciam bem o momento político que atravessamos e muito mais ainda, estão sentindo que de dia para dia aumentam as dificuldades para a população do Rio.

— E' mesmo um absurdo, a gente não tem nem siquer prazer de escolher o nosso prefeito. O Rio é a maior cidade do Brasil e no entanto o carioca é o único que nem pode falar. Em São Paulo, no Ro Grande, na Baía, em Pernambuco e bem aqui pertinho no Estado do Rio, em Niterói, Caxias e em outros lugares menores, vão fazer eleições para prefeitos. Só o carioca é o enteado amordaçado, tem que aceitar o que não quer. Isso é uma injustiça e não pode continuar, vou gritar em toda parte AUTONOMIA ! E o operário saíu com sua marmita em baixo do braço, gritando a bom gritar: AUTONOMIA !

Uns colegiais pararam escutando o operário e resolvemos perguntar-lhes:

— O que vocês acham da Autonomia ?

— Ora, ainda não somos eleitores, quando formos haveremos de exigir e saberemos quem eleger. Só é contra a Autonomia quem quer tapear o carioca. Já não estamos mais no tempo dos otários. E' mesmo um desafôro, só os cariocas é que não têm o direito de eleger quem deve ser o prefeito. Mas isso não fica assim. Nós vamos também falar em Autonomia, vamos escrever em todas as paredes e em toda a parte. Vai ver como vem a Autonomia mesmo. A turma que vive no Rio cada vez fica mais afiada. A Autonomia tem que vir.

Umas mulheres com crianças no colo e latas nas mãos também pararam, não se isolaram. Resolvemos formular a mesma pergunta e a resposta foi rápida

— E essa vida de pobre é lá mais vida que se apresente? As crianças não têm leite, a gente só tem carne p'ra enfeite em dia de festa e a custa de muito dinheiro, de pão só uma casquinha para tapear a fome e nem siquer água podemos ter. A gente tem que descer do morro e andar de rua em rua, p'ra conseguir uma gotinha que nem dá p'ra nada. Não, isso não pode mais continuar. O govêrno tem que saber como é que o pobre anda sofrendo. Os "granfos" nem estão ligando, mas nós, que nem temos o que comer sabemos que só mesmo com um prefeito que queira o bem do povo, que em vez de construir palácios p'ros ricos gozarem, ponha mais casas p'ros pobres, mais bicas nos morros, faça mais hospitais e dê mais comida p'ra não morrer tanta gente com a dona tuberculosa.

Nêsse momento vai passando um homem cantando um samba de Paulo Renato:

> — "Meu Deus do Céu !
> Nunca vi tanta agonia...
> Lá no morro o povo sofre
> Passa fome todo o dia
> ... ...
> Vamos sair para a rua
> e pedir AUTONOMIA !"

E' isso mesmo minha gente, só elegendo um prefeito que saia da vontade popular poderemos garantir nosso direito de cariocas. Os habitantes da maior cidade do Brasil, da mais linda cidade do continente, não podem escolher o seu governante. O sofrimento é permanente, a luta do dia a dia não cessa, as filas são intermináveis. Os moradores da Favéla, Salgueiro, Mangueira, São Carlos e dêsses populosos suburbios, sofrem as mais severas premencias de uma cidade que atinge seu esplendor de fachada, mas calcada na mais dura miséria, sentindo a falta de alimentos, escolas, hospitais e até mesmo de sepulturas. Mas como o povo tem sabido sofrer com estoicismo, garantindo a ordem, embora traindo suas necessidades, saberá também agora gritar bem alto e exigir AUTONOMIA !

A CANÇÃO DA NOITE

Para SYLVIA

Olhos que erram perdidos por montanhas e vales serenos,
Lábios que abençôam, línguas que amaldiçôam,
Almas que morrem e ressuscitam em tôdas as aflições, vinde:
Eu vos conduzirei até à noite !
Sêres baixados do espírito de Deus,
Deixai êste mundo que se destroi em conflitos
Onde quase sempre o sangue vai se juntar às menores fontes do mar,
E os caminhos do mar parecem estradas rubras, vinde, eu vos mostrarei a noite !
Ondas enraivecidas que se precipitam até às núvens,
Não mancheis as azas dos pássaros que emigraram impelidos pelo vento,
Por este vento misterioso que vem dos quatro cantos do mundo.
Segui-me, eu vos conduzirei até à noite. Ela surgirá em breve
Transformando tudo em sonho:
Os pés serão ligeiros como os de um dansarino morto
Bailando sôbre a terra, sôbre a dor, sôbre a morte.
Vêde: as sombras já se aproximam: elas voltam sempre
E ora sorris, ora chorais porque elas balbuciam frases
Que trazem paz para os perdoados, prantos para os condenados.
Vinde e eu vos conduzirei até à noite:
Ouvi-me, anseio pela redenção e sereis redimidos comigo.
Hoje minha alma é um cofre de cinzas
Porque almadiçoei num dia de sofrimento
Esta criação que peza sôbre meus ômbros.
Neste instante meus ouvidos ouvem uma música que sôa em mim,
Uma música serena que traz repouso aos mortos e sono aos vivos.
Vinde e ouvireis esta música. A noite se aproxima
Como uma aza ferida caindo sôbre o mar.
Vinde e quando vossos olhos se perderem na escuridão profunda,
Soará a canção que jamais ouvistes: — A Canção da Noite !

DEOLINDO TAVARES

O resto de palha que caiu de uma carroça

YAO HSUEH-YIN

Olhe só êsse sujeito, é um perfeito "Resto de palha que caiu de uma carroça".

Em nossa brigada de guerrilheiros o "Resto de palha que caiu de uma carroça" era a expressão mais comum. Quando o nosso comandante escondia seus cigarros no bolso para não distribuí-los com a tropa, todos nós protestávamos:

— Êsse comandante é mesmo um "Resto de palha que caiu de uma carroça".

Quando algum dos camaradas resfriados se assoava e limpava o nariz na manga do casaco, dizíamos sarcasticamente:

— Êsse sujeito é mesmo um "Resto de palha que caiu de uma carroça".

As muquiranas e os demônios japoneses, eram os nossos maiores inimigos. Nos momentos de instruções e exercícios, quando nos coçávamos, procurávamos esmagar os terríveis piôlhos nas dobras das roupas, mas quando estávamos de folga, a coisa mudava de aspecto. Ficávamos nús e sentados à volta de uma fogueira sacudíamos as roupas nas labaredas. O terrível inimigo do nosso sossêgo, esticava as canelas. Os martirizantes piôlhos tufavam como os grãos de sésamo torrados e caíam ao fogo. Celebrando nossa vitória piolhenta, pulávamos de satisfação, batendo nas costas dos companheiros, gritando:

— Urra! Viva! — O' "Resto da palha que caiu de uma carroça", dê agora uma dentadinha gostosa.

Finalmente, usávamos essa expressão para ridicularizar qualquer pessoa ou coisa, não nos incomodávamos se era bem ou mal empregada, mas nunca pretendemos ofender a ninguem. Era tão frequentemente usada porque essa era quase que a única pilheria que sabíamos e sem ela, nossa vida teria sido tão árida e sem graça, como os outeiros durante o inverno.

Dávamos êsse nome a tudo que nos aparecesse, mas o autêntico "Resto de palha que caiu de uma carroça", já nos tinha deixado há muito tempo e foi um sujeito verdadeiramente original. Desde o dia em que êle ingressou no nosso grupo, o tivemos como o nosso melhor camarada até quando, sem sentidos, foi carregado em maca. Nunca mais pudemos esquecê-lo, inda mesmo o nosso Comandante, guarda como uma preciosidade, ou como se fôsse a mais terna carta de amor de sua namorada, o velho cachimbo do "Resto de palha que caiu de uma carroça".

O "Resto de palha" nunca aparecia sem o seu cachimbo, tivesse ou não tabaco. Era o seu costume vagar sózinho ou ficar de cócoras, trepado em uma árvore, com o cachimbo à boca, e de senho carregado, contemplava ternamente as ondaluções dos campos que se perdiam de vista. Tragava o fumo do cachimbo automaticamente e duas espirais de fumaça cinzenta saíam vagarosamente das suas narinas. De pé em volta dêle ficávamos perguntando:

— Você está lembrando-se outra vez da sua mulher? Está pensando na pálida face de sua cara metade e no seu dourado garoto?

Êle gaguejava e acanhado, respondia:

— E por que não? Já há muito tempo que o comandante não me informa onde êles estão.

O "Resto de palha" pensava que nosso Comandante era um "sabetudo" e que só não lhe revelava o destino exato de sua família era com receio de que êle desertasse para regressar ao lar.

Mas nem sempre seus pensamentos fixavam-se em sua mulher e em seu lar, frequentemente era acometido pelo desejo ardente de voltar ao cultivo da sua fertil terra.

— Olha, apontava, como nos campos a erva daninha está crescendo espêssa.

E chupava gostosamente seu cachimbo, articulando a última sílaba com uma espêssa nuvem de fumaça.

— Os japoneses são causadores disso tudo. Antes da guerra podíamos viver e trabalhar tranquilos. Então, a erva daninha não ficava espêssa e viçosa.

E limpando uma lágrima que lhe escorria do canto dos olhos apanhava um pouco de terra entre os dedos, experimentava sua consistência entre o indicador e o polegar, examinava cuidadosamente, provava e cheirava, sacudia a cabeça para si mesmo e exclamava: — Como é rica esta terra!

O "Resto de palha que caiu de uma carroça" nunca poude aprender uma só canção patriótica. Certa vez tentou cantar em côro conósco, mas logo que iniciou a solfejar os primeiros versos, explodimos em gargalhadas, até chorarmos de tanto rir. Depois disso, recusava-se a nos acompanhar nas canções, sorria somente com o cachimbo à boca, fitando-nos com os seus olhos avermelhados. A única coisa que êle sabia de cór eram dois versos que aprendera na infância e sempre cantava, em marcha ou no acampamento, estivesse alegre ou triste:

"Quando deixamos nossa cidade
soprando o vento e chovendo [forte".

Mas comecemos nossa historia: Uma tarde de denso nevoeiro, houve um alarido no acampamento, corremos para o pátio, pusemo-nos em volta do comandante, procurando ver um traidor recentemente capturado. O pobre diabo estava fortemente amarrado, com correntes nos pés, a face horrivelmente pálida e o seu corpo tremia todo. Tinha um boné de pelo cinzento na cabeça, e no cinto, uma foice e um cachimbo.

Nosso comandante de pé, em atitude severa segurava uma pequena bandeira japonesa que encontrara com o prisioneiro. Batemos com os pés e gritamos: — Diabo que o carregue! Olhe como se disfarçou em camponês. O fuzilamento é demasiadamente nobre para um traidor.

Um dos nossos deu-lhe um pontapé, êle imediatamente se atirou ao chão e se prostrou como um paralítico aos pés do comandante. Tal demonstração de covardia, nos causou uma impressão muito desagradavel e um dos nossos disse:

— Ora vejam que patife! Êsse sujeito não é mais do que um monte de bósta de pato.

Mas êsse espetáculo vergonhoso, não comoveu o comandante, que continuou a fitar friamente o traidor, disposto que estava a obter maiores informações.

— Vossa Excelência, dizia suplicando o miserável. Sou um homem inocente. Meu nome é Du-Du-Dumb Wang. Todo o mundo sabe que o meu nome é êsse mesmo.

— Êsse é o seu nome provisório?

Reparei que a barba do nosso comandante estava arrepiada de raiva.

— Sim, Excelência, foi meu pai que me deu êsse apelido. Êle não tinha instrução, deu êsse nome para afastar os maus espíritos.

— Então qual é o seu nome verdadeiro? Levante-se e diga.

— Não tenho nenhum, Excelência.

O pobre diabo estava tão abafado que até soluçava.

— Meu pai dizia que um camponês nunca vai à escola, nunca penetra numa sala de um senhor nobre, portanto, não precisa ter um nome.

— Mas, finalmente, qual é seu nome?

— Resto, Resto, sua Excelência, o "Resto da palha que caiu de uma carroça".

— O que?

Novamente a barba do comandante parecia ficar arrepiada.

— O que caiu? O que lhe falta?

— O resto da palha...

— A palha de quem?

— Era assim que chamavam Du-Du-Dumb Wang. Êsse outro nome o bexigoso Wang, sempre repetia sem se cansar e dizia que eu não passava ds um vagabundo imprestavel.

Não pudemos nos conter e lesatamos a rir, mas o comandante não riu, continuou a interrogar o traidor.

— Eu, eu, eu móro na vila de Wang-Chuang. Na grande Wang-Chuang, não na pequena, foi quando de repente chegaram as malditas tropas do norte, violando as nossas mulheres e enforcando os nossos homens. Minha mulher disse: "Vamo-nos embora daquí, já que todos estão indo. Vamos para qualquer lugar onde haja paz e seremos felizes, mesmo que tenhamos de nos alimentar só com água. Foi assim, que abandonamos a nossa aldeia. Meu filhinho, minha mulher e eu. Hoje fazem dois dias que ela não prova nem arroz, nem água e seu estômago está tão vasio como um saco dobrado. O nosso filhinho chora, querendo mamar, porque já chupou a última gota de leite que havia nos seus seios.

Quando chegou à última palavra, o prisioneiro baixou a cabeça e duas lágrimas compridas escorreram de seus olhos. O comandante percebeu e num tom mais profundo, perguntou:

— Diga-me rapidamente como foi que você obteve essa bandeirinha do Japão?

— Excelência, foi minha mulher quem disse: "Olha bem, em tempo de guerra podemos passar fome e morrer a qualquer momento. Mas precisamos guardar a vida do nosso filho. Temos que cuidar dêle. Porque razão há de morrer o nosso filhinho se é ainda um inocente?" E nêsse mesmo tom continuou minha mulher: "Volta à vila e arranca algumas cenouras nos campos, para podermos alimentar a vida do nosso filho". Na manhã seguinte, tomei o caminho da vila, mas logo que cheguei perto, alguns malditos soldados com bonés de pele, começaram a atirar em mim. Corri para trás, quando cheguei em nossa cabana, vi nosso filhinho soluçando sôbre os seios murchos de sua mãe.

Wang nêsse momento interrompeu e desatou a soluçar.

— Não chore, ordenou o comandante. Sendo como você diz, de que maneira se tornou traidor?

— Um traidor que vá para o inferno. Se eu fôsse traidor, Excelência, que até o próprio céu caisse em cima de mim. E dando de ombros excitadamente continuou: — Alguem nos disse que *os soldados do norte* não atacam, se tivermos uma bandeirinha do sol nascente. Por isso a minha mulher arranjou uma bandeirinha. Ela própria foi quem a fez. "Não perca tempo, disse-me, vá e volte o mais rápido que for possível". Aí perguntei-lhe: "Caso eu encontre as tropas do sul? Não será perigoso ter esta coisa maldita em minha mão?" "Êles são chineses como nós, seu estúpido"! Sendo chinês, Excelência, como posso me tornar um traidor?! Amaldiçoada seja a minha mulher por me ter aconselhado a carregar esta bandeira".

Wang olhava espantado para o comandante, que nêsse momento, de tanto ódio estava rangendo os dentes. Entretanto suas feições estavam mais brandas e ao correr de mais algumas perguntas sorriu e ordenou que desamarrássemos o prisioneiro. Êste logo que ficou livre, assoou o nariz e se abaixou para limpar os dedos nos sapatos.

Notei logo, que seus sapatos eram quase novos e ambos estavam lambusados de catarro sêco que brilhava à claridade.

— De hoje em diante não chame mais êsses demônios japoneses de tropas do norte. Entendeu? O comandante explicou com certa afabilidade. Agora as coisas são diferentes. Há somente dois exércitos, um japonês e outro chinês, compreendeu?

— Sem dúvida, acenou com a cabeça, não sou tão burro assim.

O comandante devolveu a bandeira do sol nascente e disse:

— Venha ceiar conôsco hoje à noite, se quizer pode voltar para a vila, vá cavar as cenouras depois que tivermos expulsado o inimigo. Leve a bandeira consigo e se os encontrar mostre-a, mas não diga onde estamos.

Na hora da ceia, a soldadesca o cercou. A princípio ficou acanhado, mas quando viu que todos éramos amigos, criou coragem e começou a comer vorazmente. Esvasiou a tijela de sopa e até lambeu o fundo. Depois da refeição, tirou mais catarro do nariz, esfregou nos sapatos e puxando uma casquinha de cebola dos dentes atirou para o ar indo cair na cabeça do um dos rapazes.

Alguns dias depois, Wang apareceu no pátio novamente. Assim que fomos vê-lo o comandante disse-nos que o camponês viera se juntar à nossa brigada de guerrilheiros.

A essa boa notícia pulamos de alegria e em voz alta, entoamos a canção do guerrilheiro. Mas Wang se limitou a sorrir e a chupar o seu perene cachimbo, enquanto cantávamos.

Nessa noite dormí junto com Wang.

— Porque você se juntou ao nosso grupo? Perguntei-lhe.

— E por que não? Respondeu-me solenemente. Vocês todos não são honestos? E depois de fazer uma ligeira pausa para chupar seu cachimbo, acrescentou: Enquanto não expulsarmos êsses demônios, não poderemos voltar ao cultivo da nossa terra.

Perguntei-lhe com um sorriso
— Onde está a sua bandeira japonesa?

— Minha mulher agora a usa como fralda para nosso filhinho. Respondeu negligentemente como se fôsse coisa de somenos importância.

E passou a contar-me a história da sua família. Entendí imediatamente que êle estava ansioso para expulsar os japoneses, só porque não podia mais trabalhar na terra, como nos tempos de paz. Decidiu-se a mandar sua mulher e filho para a retaguarda com outros refugiados, para poder ser guerrilheiro. Durânte a palestra, notei que seus olhos vagavam inquietos como se alguma coisa o importunava. Fiquei observando em silêncio, procurando descobrir o que lhe incomodava mas êle continuou sentado, fumando tranquilamente, ólhando ora para mim ora para a lâmpada. De repente ficou nervoso, se

levantou e saiu. No pátio fui encontrá-lo urinando, tossiu por um momento e depois de ter retirado a cinza do cachimbo, voltou e olhou-me por um momento, pôs o cachimbo em baixo da cama e se deitou.

— Que sujeito esquesito, disse para mim mesmo. Apesar da sua aparência rude, é tão amável.

Os guerrilheiros geralmente dormem com luz acesa. Alguns dias depois de Wang ter se inscrito na nossa Brigada, duas coisas estranhas aconteceram em duas noites seguidas. Uma noite um camarada que se levantara para urinar, tropeçou no outro e quebrou o nariz. Quem teria apagado a lâmpada? Na noite seguinte acordamos com um tiroteio. Sem dúvida o inimigo se aproximava. Corremos, lançando mão de qualquer fuzil ou sabre de que pudéssemos encontrar, próximo, quando descobrimos que fôra uma sentinela que acidentalmente puxara o gatilho de sua arma, ficamos enfurecidos como tigres e amaldiçoamos uns aos outros procurando descobrir quem havia apagado a luz.

O comandante perguntou quem tinha apagado a luz, mas ninguem se acusou, todavia desconfiei quem havia sido e lancei os olhos para Wang, sem que percebessem. Êle notando que eu observava, empalideceu e suas pernas começaram a tremer. O comandante se aproximou dêle.

— Diabo! Disse a mim mesmo. Êle vai agora apanhar vinte chicotadas. Nêsse momento suas pernas tremeram tanto que o pobre diabo quase caiu, mas o comandante de repente sorriu e perguntou com docilidade:

— Você está gostando de viver em nosso grupo?

— Sem dúvida, Excelência. E tirando o cachimbo do cinto ofereceu ao comandante. Vossa Excelência gosta de, de, de, de fumar cachimbo?

Não pudemos deixar de rir e até o comandante pôs as mãos na cintura de tanto achar graça. Wang se manteve sério, esfregou a cabeça, depois coçou o peito e tirando uma muquirana levou-a à boca estalando-a com os dentes.

No dia seguinte chamei-o à parte e perguntei porque havia apagado a luz. Êle ficou ruborizado e sorriu respondendo:

— Porque o azeite está muito mais caro agora. E coçando o peito acrescentou — alem disso, não estou acostumado a dormir de luz acesa. Toma, não gostas de fumar cachimbo?

Pouco a pouco se acostumou à vida da nossa comunidade, tornou-se cada vez mais valente e mais ativo. Às vezes manifestava sua opinião sôbre nossas atividades comuns. Sabia falar uma giria de salteadores e a empregava de quando em vez. Por exemplo: uma estrada denominava de "linha". Rio era "uma fita", torneira, "bico pontudo". A lua, "pedra", e assim por diante.

Às vezes nos censurava, dizendo:

— Não se deve usar muitas palavras porque trazem azar. Quando éramos lavradores, não havia nenhum mal em usá-las, mas agora estamos em guerra.

Êle evitava as palavras que julgava azarentas e ficava embaraçado porque o replicávamos, dizendo que revolucionários não usam dialetos de salteadores. Embora não concordasse conôsco, permanecia calado mas sempre afirmava que determinadas palavras poderiam trazer azar. Para justificar sua opinião apenas dizia:

— Sou um camponês, não conheço coisa alguma dessas novas modas e silenciava.

— De hoje em diante você deve me chamar de camarada, disse-lhe um dia.

Êle sacudiu a cabeça e sorrindo recusou a minha sugestão, dizendo:

— Na província de Shantung, tínhamos o hábito de chamar a um bom amigo de irmão, que é um título muito mais respeitável e honroso.

— Mas nós somos tropas revolucionárias. Você não entende, disse-lhe então.

— Não posso entender. Isso é outra moda nova, respondeu-me.

— A palavra "Camarada", significa trabalhar juntos, expliquei-lhe. Imagina só, participamos de uma vida em comum, quer dizer, igual para todos. Uma morte em iguais condições, sofrimentos idênticos, uma luta perfeitamente comum contra os japoneses. Não somos camaradas?

— Muito bem, irmão, respondeu-me, gritando alegremente. Nada haverá que nos possa meter medo enquanto trabalharmos juntos como camaradas.

Certa tarde, quando marchávamos para um combate, Wang tocou-me levemente ao ombro e disse em voz baixa — "Camarada". E ficou enrubescido como uma criança.

— Camarada, repetiu, tornando a por a mão em meu ombro. Você vai combater os demônios japoneses?

Acenei com a cabeça afirmativamente e perguntei:

— Você está com mêdo?

— Mêdo? De nenhum jeito. Sempre tive prazer em lutar contra bandidos.

Continuamos marchando lado a lado, mas tão juntos que ouví o rápido bater do seu coração e não pude deixar de rir.

— Agora o peguei de jeito, disse-lhe. Você acaba de me pregar uma mentira. Posso ouvir as marteladas do seu coração.

Wang ficou embaraçado e rodopiando o cachimbo na mão, gaguejou:

— Não estou com mêdo dos demônios, se estivesse com mêdo não seria um homem. Quando vim combater os bandidos, a princípio sentia meu coração bater com fôrça dentro do meu peito, mas depois de alguns minutos, ficava perfeitamente calmo. Irmão, um camponês como eu, só tem mêdo dos cobradores de impostos.

Nosso grupo seguia em marcha e cêrca de uma milha dentro de território de posse dos japoneses, paramos num cemitério.

Dois camaradas corajosos deveriam se apresentar como voluntários para avançar e fazer o reconhecimento da região. Um pequeno destacamento deu a volta e se manteve de emboscada detrás da aldeia, os demais deviam seguir a guarda avançada. De súbito Wang se aproximou do comandante e se propôs:

— Excelência, eu conheço a "linha" muito bem, por favor deixe que eu entre na aldeia em primeiro lugar.

Ficamos admirados ao ouvir êsse oferecimento. O comandante olhou para êle com incredulidade.

— Quer dizer que você quer ir fazer o reconhecimento para nós?

— Sim, Excelência, tenho muita prática em lutar contra bandidos.

Alguns dos homens disseram em voz baixa atrás do comandante, que Wang não era o homem apto para essa tarefa e iria levar a tropa ao fracasso, mas o nosso chefe disse a Wang sem qualquer sombra de hesitação:

— Pois bem, mas tome cuidado. Depois voltou-se para mim: Faça-lhe companhia. Preste atenção, fique alerta.

De braços dados transpuzemos o muro do cemitério e ainda ouvimos alguns descontentes murmurar atrás de nós, ao que o comandante replicou:

— Não se incomodem, êle é sujeito cauteloso, muito embora sua aparência de estúpido demonstre o contrário.

Há uma pequeníssima distância da aldeia nos deitamos de barriga para baixo e ficamos atentos, procurando descobrir o inimigo. Reinava completo silêncio. Wang cochichou-me:

— Êsses malditos japoneses estão dormindo. Fica esperando-me aquí.

Tirou os sapatos, amarrou-os à cintura e foi bem agachado em direção da vila. Temí pela sua sorte. Avancei alguns passos e escondí-me atrás de uma árvore e olhei fixamente em direção da aldeia com a arma engatilhada. Passaram-se aproximadamente vinte minutos sem ter havido nenhum sinal de Wang. A minha inquietação crescia de segundo a segundo e arrastei-me para frente. Perto do moinho, lobriguei um vulto escuro que se arrastava no chão. Meu coração pareceu galopar com impetuosidade. Apontei a arma para o vulto e gritei: — Quem está aí?

— Sou eu camarada, respondeu uma voz conhecida. Êsses amaldiçoados bandidos deram o fóra.

Dei um salto e perguntei ansiosamente: — Você pesquisou tôda a aldeia?

— Sim, olhei os quintais de tôdas as casas, mas não ví nem um cabelo humano.

— E por que você não tossiu e deu sinal um pouco antes?

Wang tocou meu ombro e gaguejou:

— Ora, ora, porque eu preciso de uma corda para a minha vaca búfalo. Esta não é boa? Quando eu antigamente lutava contra os bandidos, às vezes surrupiava alguma coisa dêles, e foi mostrando-me a corda com um sorriso bonachão.

— Jogue fóra, ordenei. O comandante lhe mandará fuzilar se lhe vir com isso.

Wang fitou-me desapontado e vagarosamente desenrolou a corda da cintura. Assobiei estridentemente e isúmeras tochas surgiram repentinamente. Nossos camaradas corriam para a vila, de todos os lados.

— Irmão, disse-me Wang em voz chorosa. Olha, já joguei fóra a corda.

Quando voltamos Wang seguia atrás de mim, tão calado como uma criança que houvesse feito uma travessura e esperasse ser castigada. Compreendendo a causa de sua aflição, prometí não dizer nada ao comandante. Êle suspirou e disse:

— Está certo.

Então lhe perguntei:

— Você sabe porque não devemos tomar nada que pertence ao povo? Porque somos lutadores revolucionários.

Wang silenciou novamente por um momento, depois perguntou-me com voz branda:

— Camarada, nós não devíamos tirar um pouco de proveito da revolução?

— Vamos ter proveito. A revolução nos fará muito bem, tanto a nós, como a todo povo chinês. Quando conseguirmos expulsar os invasores do nosso país, milhões de pessoas poderão viver pacificamente. Aí está a maneira como vamos ser beneficiados.

— Sim, quando pudermos viver e trabalhar em paz, está certo que também seremos beneficiados.

— E será a grandiosa época que a humanidade vai ter. Nossos filhos e netos poderão conhecer uma vida feliz de ampla e perfeita liberdade.

Dêsse dia em diante êle se tornou um guerrilheiro vigoroso e enérgico, já não se acabrunhava pensando na mulher e no filho. Desejou aprender a ler. Aprendia uma letra por dia, mas quando conseguiu a aprender trinta letras, foi gravemente ferido.

Foi numa noite de lua cheia, quando recebemos ordem para destruir uma estrada de ferro e um trem. Não tínhamos dinamite e nossas armas eram antiquadas. Foi deliberado que demolíssemos uma parte da estrada de ferro e atacássemos o trem militar quando parasse.

Embora tivéssemos agido muito cautelosamente, não podíamos deixar de fazer alguns ruidos quando despregávamos os trilhos. No silêncio da noite, o barulho que fazíamos ressoava com intensidade.

Um tiro, e em seguida um tiroteio cerrado. Deitamos e as metralhadoras ressoaram. As balas caíam próximo a nós e a fumaça esbranquiçada que delas se desprendia formava um rendilhado do entrelaçado no ar. Dez minutos após o tiroteio cessou. O trem corria pela estrada. O nosso comandante era um homem inteligente. Amarrou seis bombas e as atirou sob o trilho.

— Corram! Ordenou.

Corremos em disparada para a frente, fomos nos abrigar em um cemitério próximo e nos atiramos de barriga para baixo. Wang ficou de pé com seu cachimbo na boca como se coisa alguma estivesse acontecendo. O nosso oficial arrancou-lhe o cachimbo da boca e murmurou: Deite-se.

— As balas só têm olhos para os maus, disse Wang.

O trem militar vinha em disparada. As nossas bombas explodiram como um pavoroso trovão. Poeira, fumaça, estilhaços e o trem precipitou-se pelo barranco abaixo, completamente despedaçado.

— Que vitória! gritaram vinte vozes em côro. Depois o silêncio reinou.

E entre gritos de vitória e as ordens do nosso oficial no meio daquele tumulto e algazarra, ouví uma melancólica canção:

"Quando deixamos a nossa cidade".

Saimos correndo em direção aos carros escangalhados. Nêsse momento ressoaram metralhadoras. Wang corria na frente. De repente, soltou um grito de dôr, seus braços elevaram-se e tropeçou. Continuamos a correr, quando ouvimos o galope da cavalaria japonesa Batemos em retirada. Fomos encontrar Wang atirando como um louco, sôbre o inimigo.

— Ainda pôde andar? Está ferido?

— Na perna, respondeu. Não quero fugir. Quero matar êsses demônios.

Opunha-se a fugir, mas apanhei-o do chão, atirei-o para minhas costas e corrí junto com os outros. Várias vezes caímos em poças. O tiroteio, os cavalos em galope e a pesada carga nas minhas costas naquele momento, pareciam não existir. Só tinha noção de que corria e que deveria correr desabaladamente.

Uma segunda bala alcançou Wang, quando batíamos em retirada. Quando atingimos nosso acampamento, êle recobrou os sentidos e verificamos que se tratava apenas de um ligeiro ferimento. Colocamo-lo sôbre uma maca para ser removido ao nosso hospital da retaguarda. Êle estava com uma febre muito alta e murmurava:

— Da, da, da, — Meu boi, meu boisinho amarelo, da, da, da...

DIVAGAÇÕES

Henri Matisse

"O desenho é a probidade da arte". Tenho me encontrado muitas vezes, há alguns anos, com o espírito detido diante desta afirmação gravada acima da assinatura de Ingres, no mármore de um pequeno monumento a êle dedicado, no vestíbulo do curso de desenho, "Cours Yvon", Escola Nacional de Belas Artes.

Que quer dizer exatamente esta inscrição? Compreendo bem que é preciso primeiro desenhar, mas o que não alcanço bem é a expressão "probidade". Já ouviram Corot, Delacroix, Van Gogh, Renoir, Cézanne falando assim? Portanto, não me sinto constrangido quando Hokousai é chamado o "velho louco do desenho".

A palavra de Ingres, tão fácil, e que os ignaros pretenciosos não deixam de repetir com saciedade, corresponde àquela de Leonardo da Vinci contida em seu manuscrito, recomendan-

do a procura das linhas da composição nas manchas dos velhos muros ou indicando truques grosseiros para dar expressão às representações das figuras de moças.

Penso que Ingres e Leonardo se acreditavam obrigados a ensinar sua arte e não podiam entrar em comunicação com seus alunos sem dar a êles guias de asnos: — primeiro, prendê-los ao trabalho para a confecção paciente de um desenho literal do objeto a ser representado (lembro o costureiro que tendo fracassado no corte de sua roupa e no seu talho, acredita corrigir os defeitos, colando o costume no corpo do paciente com retoques numerosos chegando a restringir e paralisar os movimentos); — segundo, remediar a indigência de sua imaginação por processos mecânicos de composição.

Mesmo, o estilo, resultado das necessidades de uma época, determinado pelas exigências independentes da vontade do artista, não pode ser ensinado.

Nada tenho compreendido do ensino de desenho dado no curso Yvon, onde fui corrigido há mais de quarenta anos, por Gérome, Bouguereau, Joseph Blanc, Bonnat, Lenepveu, etc... professores exigentes mas pouco esclarecidos e que com o correr do tempo nada me valeram. Mas, teria eu compreendido melhor se esses mestres tivessem sido autênticos? Não o creio. Tive a boa sorte, uma vez, ouvindo os conselhos de Rodin em relação aos meus desenhos que lhe foram mostrados por um amigo. Os conselhos, porém, que me foram dados não me convinham em nenhum ponto, e Rodin se manifestava nessa circunstância apenas pelo seu lado minucioso. Não podia fazer de outra forma, porque o que os mestres têm de melhor, que é a sua razão de ser, os ultrapassa. Não compreendendo, não podem ensinar.

Um atelier de alunos me faz lembrar "A parábola dos cegos" de Breughel, na qual seria o professor, o primeiro cego, aquele que conduziria os que o seguissem.

Michel Bréal dizia: um professor é um homem que ensina o que não sabe (informado por seu filho Augusto).

Como é penoso ver verdadeiros artistas dar uma parte de seu esfôrço para ajudar àqueles que não se podem conduzir sosinhos! Chegam apenas a talhar barbas brancas que permitirão aos homens que também poderiam empregar melhor a sua atividade, a fazer, tateando, uma obra inútil.

Quem tem verdadeiramente coisas a dizer é levado por sua emoção que o conduz a realizar sua obra, em correspondência com as suas próprias qualidades.

Renoir tinha razão em dizer: "Aquele que não sabe, depois de ter virado contra a parede durante três meses a sua tela, o que nela falta, não tem necessidade de fazer pintura."

CARTA - POEMA

E, porque faz de-tarde
com a gravidez das vélas domésticas
demandando o interior dêsse esclerosado rio,
da "Casa da Pólvora" se evola alguma cousa violácea
alma penada de explosivos holandeses.
Por secreto entendimento secular,
os graves sinos resmungam entre si estranhas saudações
à noite que vem chegando nos patins das núvens,
tão levemente devagar, que a gente se surpreende entristecido
pelo imenso e claro dia que escorreu por entre os dedos abertos da emoção.

Muita mansidão em-tôrno também me enternece;
a máquina volta-se para os amigos, para os camaradas,
e olha a todos, um a um
com os seus olhos múltiplos, redondos, niquelados olhos bonançosos.
Os dedos teclejam um apêrto de mão, um abraço fraterno,
palavras porejam nas alavancas untadas de tarde...

Enfim, nordeste, cara a cara eu te encontro!
Tenho a tua rudeza diluindo-se de-leve em ternura.
Agora, nenhum verde será mais verde do que o do joazeiro,
eterno Léfranc acariciando de verde a desolação cinzenta e parda,
a terra ressequida como um coração em abandono.
Agora, na minha boca, eu sei a aspereza sem remédio
da sêde do gado que cambaleia e cái e morre
depois de um mugido longo prenunciador de desgraças enormes.
Contarei a todos a geometria humana das tuas cactáceas gordas,
prenhes de umidade dadivosa em plena tragédia.
E, para mim, foi fácil apasiguar a sêde
no manso olhar das tuas cabras do Moxotó,
oh! fabricantes do sintético leite, o mais leite de todos os leites!
Que milagres se perfazem em vossos úbres, mansas cabras Moxotoenses?
Que milagres percorrem as vossas veias, bravios bódes do sertão do Moxotó?

Amigos, foi apenas o amor do animal à terra,
o desejo tenaz de adaptar-se à rudeza da terra
e de possuí-la com carícia autóctone...

Por isso, Nordeste fecundo, as mulheres que engendraste
têm êsse cheiro de madrugada nos cabelos
e saborosa anatomia, com alegre mansidão no olhar,
preto, azul, verde, ou misturado,
desde África, Portugal, Holanda e Brasil...
E, quando anoitece, nas tuas noites tão claras,
que a noite é apenas um esburacado pano azul
com o dia jorrando pelos rasgões das estrelas e da lua,
o corpo das tuas mulheres é cantado
em cantigas mais doces e mais esperançosas do mundo:

> "Esta noite eu tive um sonho
> Ai, que sonho atrevido,
> Sonhei que tinha nos braços
> A fôrma do teu vestido..."

GERALDO MORETZSOHN

A rede é um abraço laminado e oscilante
ronronando ternura nos ganchos macios.
Teus cabelos são jasmins de luto ·
e essa alguma cousa em teu olhar
é fatia de moinho girando na desmemória das tuas veias...

A rede que vem e que vai,
o vai e vem da rede,
a rede vem, a rede vai,
a rede vem, a rede vai,
a rede não vem...

Tapete mágico para onde nos levas?
Encurva depressa teu corpo macio,
segura de novo, com tôdas as fôrças,
os ganchos firmados nas paredes de taipa,
que a manhã vem chegando, que a vida retorna,
que o sonho, tapete, há-de sempre ter fim...
Tapete, tapete, não sonhes em vão,
a vida é imensa, tem múltiplos aspéctos,
transforma-te na rede que sempre tu fôste
outra noite eu regresso ao corpo macio
que adormeces de leve com o teu ronronar...

Agora, amigos, todos êsses homens esculpidos em rapadura
se reuniram e caminham em Fortaleza, João Pessoa e no Recife.
Êles largaram os canaviais e as jangadas
e trouxeram nas mãos amplas o tremendo gesto de afago
do povo ao seu herói e condutor.

Êles largaram as cabeças brancas dos morros com algodoais,
largaram as rodas das fábricas, não alimentaram os ventres dos navios,
deixaram de guiar os bois pelos caminhos.

Vieram sozinhos, vieram juntos,
encontraram-se nas encruzilhadas de ínvios caminhos,
convergiram ordenadamente para as praças, cheias de silêncio construtivo.

Amigos, é o povo que marcha, com os ouvidos imensos sequiosos da verdade,
com o afago imenso das rudes mãos acenando para a esperança.

Depois, amigos, os bois retornaram às estradas e as velas ao mar,
as sirenes não apelaram em vão,
a gulodice das usinas foi satisfeita com a doçura cruel da P.O.J.

Todos tinham ouvido a palavra de Prestes
e regressavam mais robustos, com o coração enorme,
mais homens e mais fortes,
porque ouviram, apenas, a verdade do povo,
a verdade que a si próprios diziam
e que marcará a certeza de um dia maior e mais claro,
a certeza da bonança paciente e fielmente conquistada,
que a fraternidade do Partido vencerá com as palavras do povo
que Luiz Carlos Prestes repete, analisa e esclarece ! ! !

Ficou essa certeza cantando no coração imenso do nordeste,
certeza mais clara do que o dia jorrando pelos buracos azuis da noite...

(João Pessôa).

PAULO WERNECK

Homens sofridos e explorados por um trabalho exaustivo, mulheres sentindo as atrozes consequências de uma vida amargurada, creituras esmagadas pela desdita coletiva, todos êsses motivos, fazem da arte do desenhista brasileiro um permanente repositório da tragédia humana, valendo-se do seu dinamismo para uma manifestação constante e eloquente.

Paulo Werneck é de fato um ilustrador do povo, de suas lutas pelas reivindicações mai sentidas e principalmente de sua fôrça como poder regenerador que se exercerá quando forem vitoriosos os anseios da massa trabalhadora.

Como a URSS resolveu o seu problema cultural

Osorio Cesar

O grande problema cultural da União Soviética depois da Revolução de Outubro foi o do ensino universal obrigatório. Era impossivel resolver esse problema nos primeiros anos, em virtude da guerra civil, da intervenção e da desordem econômica motivada por essas causas. Em 1923 foi reconhecido ser necessário pôr em prática o ensino obrigatório no espaço de dez anos Era então difícil de prever a velocidade da edificação cultural que exigiria o pa.s. O plano educacional primitivo previu a extensão da instrução obrigatória para todo o país somente no segundo periodo quinquenal. Este plano se revela absolutamente ineficiente em face dos rápidos progressos da edificação socialista, e, sobre a proposta do XVI Congresso do Partido Comunista em 1930, ficou resolvido realizar o ensino obrigatório sem retardação.

Foi, desde logo esta a palavra de ordem geral. Um imenso trabalho se empenha, para o qual foram chamados não somente os serviços da Instrução Pública, mas tambem as organizações políticas e econômicas: Partido, juventude comunista, sindicatos, serviços econômicos, cooperativas, etc. Milhões de trabalhadores se esforçaram para pôr em prática esta medida cultural de primeira importância. Ao cabo de um ano, o plano era realizado nas suas grandes linhas em todo o território da U.R.S.S. com exceção das nacionalidades as mais afastadas e retardatárias. No fim do primeiro plano quinquenal, em 1932, a instrução obrigatória é praticada em todo o país. Nas regiões centrais e em certas repúblicas como a Ucraina e a Russia-Branca, começaram a desenvolver-se as sete primeiras classes primárias. Nos grandes centros industriais, as escolas de sete classes são reorganizadas a começar o ano de 1932 em escolas de oito classes, e no espaço de dois anos foram abertas duas outras classes complementares. Desta maneira, no segundo periodo quinquenal, a instrução politécnica obrigatória abrangeu todas as crianças até 17 anos, como pedia o programa do Partido Comunista.

Isto foi, segundo a palavra de Stalin, a maior das vitórias não somente no "front" cultural, mais ainda sobre os "fronts" políticos e econômicos.

A Revolução de Outubro realizou uma verdadeira revolução escolar .No tempo do czarismo existiam dois sistemas de ensino: um para o "povo", os operários e camponezes; outro para os meios privilegiados. Sua estrutura era radicalmente diferente. As crianças dos operários e camponeses, se tinham a possibilidade de estudar, deviam contentar-se com escolas primárias, urbanas ou rurais, escolas de aprendizagem ou escolas paroquiais. Para os privilegiados existiam liceus para rapazes e meninas, escolas de comércio, etc. O ensino era pago, religioso e especial para os rapazes e meninas. Entre as mãos das classes outrora dominantes, a escola era um meio para envenar a conciencia das massas populares. Consolidando a diferenciação social, ela formava futuros exploradores num espírito de obediência às classes dominantes. Ela fazia escravos ou vigilantes de escravos.

Um decreto do poder dos Soviets chegado em 1918, aboliu todos os privilegios de classe concernente à instrução pública. Este decreto é um dos mais preciosos documentos da luta das massas em relação à instrução. Os principios que nele estão incarnados conservam ainda todo seu vigor. Em lugar do antigo ensino verbal e escolástico que formava servidores peritos e submissos, em lugar de escolas de domesticar, foi constituida uma escola nova do trabalho, única, mista, laica e internacional. Nestes últimos anos as escolas soviéticas tornaram-se universais, obrigatórias, gratuitas e politécnicas. Nelas se forma uma geração nova, verdadeiramente capaz de assegurar definitivamente o socialismo.

O ensino politécnico comporta o conhecimento dos principios de todas as ciências (física, química, matemática, lingua materna, geografia, etc.), o conhecimento teorico e prático dos principais ramos de produção e das bases cientificas dos grandes processos tecnológicos. Os alunos são habituados a manobrar os principais instrumentos do trabalho moderno. A combinação do trabalho com o ensino produtivo é realizada de tal maneira que este trabalho seja sempre subordinado à educação e ao ensino. A politecnização soviética é obtida graças à instalação de oficinas, salas de trabalho e de laboratórios e pela anexação de cada escola a uma empreza, sovkhoz estações de máquinas e de tratores, etc. A escola politécnica é destinada a preparar construtores ativos e concientes da sociedade socialista sem classes, homens universalmente desenvolvidos, sabendo casar a teoria com a prática. Do mesmo modo a escola torna-se um meio particularmente eficaz afim de abolir a distinção entre o trabalho manual e intelectual.

Quem é o presidente da Academía de Ciencias da URSS

(Exclusivo para ESFERA)

Pelo engenheiro A. MOROZOV

MOSCOU — (Especial pela Inter-Press) — Sergei Vavilov, atual presidente da Academia de Ciencias da URSS, é um dêsses sábios que consagram toda a sua vida e todas as suas fôrças à investigação científica. Trata-se de um dêsses homens excepcionais, capazes de superar qualquer classe de dificuldades e fazer frente aos problemas mais complexos.

Ao principiar a guerra de 1914-18, Vavilov acabava de terminar seus estudos na Universidade de Moscou. Foi enviado à frente como um simples soldado radio-telegrafista. Mas já naquele tempo seus trabalhos de investigação sôbre radio-técnica despertavam atenção. Quando Vavilov era ainda estudante, começou suas experiências sôbre a descoloração pela ação da luz. Desde então em milhares de hospitais e casas de moradia por todo o mundo ardem as magníficas lâmpadas luminescentes de "luz fria". Estas lâmpadas são fabricadas, revestindo-se o interior dos tubos de cristal com uma mistura especial; estas lâmpadas de luz elétrica, numa atmosfera de vapores de mercúrio, tornam-se luminosas. Emitem luz sem desprender calor.

Na União Soviética, as primeiras lâmpadas dêsse tipo foram construidas num pequeno laboratório dirigido por Vavilov. Suas experiências pareciam fantásticas à princípio, mas graças a elas foi possível obter-se lâmpadas luminescentes e bactericidas. Estas últimas são muito empregadas na medicina e na preparação de alimentos. Seus raios exterminam bacterias nocivas. Esta invenção, objeto de preparação dos trabalhos de ciência, era usada até então superficialmente com muito cuidado.

Apesar disso, a luminescencia já era aplicada para diversos fins pelos antigos egipcios. Recentemente, numa conferência dedicada ao estudo de novas fontes de luz, Sergei Vavilov declarou que a lâmpada de luz sem calor é filha de um estudo científico, posto em execução pela técnica. Sem aprofundar-se em tal fenômeno, a ciência apenas indicou a possibilidade de se construir estas lâmpadas. Os técnicos dos paises da Europa e da América conseguiram produzir milhões de lâmpadas luminescentes anualmente. Nos laboratórios das fábricas, depois de inúmeras experiências, consegue-se determinar qual a melhor substância capaz de emitir luz. Ao mesmo tempo, regulam-se as dimensões dos tubos e a pressão e composição do gás interior dos mesmos.

Muito trabalhou Vavilov para criar uma teoria física da luminescência. Suas profundas investigações permitem aos técnicos projetar com facilidade os tipos de lâmpadas necessárias. Vavilov descobriu que a luz emitida por substância luminescente é proporcional à energia dos raios luminosos que recebe. Esta lei é conhecida em todo o mundo como a "lei de Vavilov".

Em 1932, quando Sergei Vavilov tinha quarenta anos, foi eleito membro da Academia de Ciências da URSS. Simultaneamente Vavilov foi nomeado diretor do Instituto de Física da Academia e diretor científico do Instituto Nacional de Ótica. O Instituto de Física tem o nome do sábio russo Lebenev, o primeiro a estabelecer o "peso da luz". De uma maneira experimental demonstrou que a luz exerce pressão sobre os corpos por ela iluminados. Esta pressão foi exatamente medida por ele. O atual diretor do Instituto faz honra a essa tradição investigando os mais recônditos segredos da luz, que antes parecia impossivel descobrir.

Deve ser notado que os trabalhos de Vavilov têm uma grande repercussão na técnica. Na base de suas investigações surgiu uma nova classe de análises, aplicando a luminescencia. Observando a luz emitida, determina-se a qualidade do petróleo, do azeite, de alguns produtos alimentícios e de tecidos.

A vida de Vavilov está estreitamente ligada a Academia de Ciências. Na qualidade de colaborador, participa de muitos trabalhos. Ajuda aos jovens cientistas a superar todas as dificuldades a escolher novos temas de investigação. São inúmeros os trabalhos, fruto da atividade pessoal de Vavilov. Apesar de sua múltipla atividade, a atuação de Vavilov é muito superior a dos mais destacados especialistas na teoria da luz. Não há muito, sob a direção de Vavilov, sua discípula P. Cherenkov descobriu um novo tipo de emissões luminosas. Essas emissões, previstas pelo célebre físico inglês Lord Kelvin no princípio do século, receberam o nome de "irradiações Cherenkov" e seu estudo é possivel graças aos métodos de investigação propostos por Vavilov. Tais experiências são levadas a cabo atualmente nos mais importantes institutos de investigação científica do mundo inteiro.

Durante a guerra pátria Vavilov colocou todos os seus conhecimentos a serviço da luta contra os invasores. Graças ao seu esforço, o Exército e a Marinha Vermelhos receberam os mais perfeitos instrumentos óticos, e as mais diversas substâncias luminescentes.

O acadêmico Vavilov não é somente o autor de trabalhos científicos, mas tambem é um grande divulgador da História e da Filo-

MULHER NA PRESIDENCIA DE UM PARLAMENTO

ZAJAR SHAPIRO

A única mulher no mundo que preside um Parlamento é Nadezhda Grékova, presidente do Soviet Supremo da República Socialista Soviética da Bielorrúsia, cujas sessões dirige com a habilidade e a experiência de uma grande estadista.

Nadezhda Grékova é jovem. Não faz muito tempo completou trinta e cinco anos. Está portanto em pleno florescimento de suas fôrças. Sua capacidade natural e a experiência adquirida na vida colocaram Nadezhda Grékova ao lado do povo com êle convivendo em suas necessidades, suas preocupações, suas esperanças e seus projetos.

A Presidente do Parlamento Bielorruso é filha de camponeses muito pobres. A primeira guerra mundial e a intervenção devastaram seu povoado natal e quando tinha somente nove anos precisou trabalhar na propriedade de um camponês rico, para seu sustento. Seu sonho mais íntimos era seguir para a cidade e aos doze anos caminhou para Minsk onde aprendeu o ofício de costureira. Nas oficinas de costura "Oktiabr", onde trabalhou onze anos, no ambiente favorável de uma emprêsa soviética, se desenvolveram suas qualidades de oradora e de dirigente político. Fora das horas de trabalho estudava e lia tenazmente.

Nadezhda Grékova dirigiu primeiro a juventude de suas oficinas e logo presidiu o comité sindical da emprêsa. Entre os 2.000 operários da oficina existiam 1.500 mulheres e elas apresentaram em 1933 a candidatura de Grékova para a presidência do Sindicato dos Operários da Agulha, da República Bielorrussa. Rapidamente a jovem e capacitada mulher dirigente de um grande Sindicato, começou a ser conhecida também pelos operários de outras indústrias. Tôda a vida e a experiência de Grékova estava consagrada à atividade social. O distrito de Betkovsk elegeu-a deputado no Soviet Supremo da Bielorrusia.

(Do Boletin de Informacion de La Legacion de la U.R.S.S. — Montevidéo).

---

sofia da Ciência. Seu trabalho sôbre a vida e as atividades de Newton foi muito bem acolhido na Inglaterra, pátria do grande sábio. Outras obras suas muito populares são "O olho e o sol" "Luz sem calor", "Bases experimentais da teoria da relatividade".

O ponto culminante da vida científica de Vavilov foi sua eleição para presidente da Academia de Ciências da URSS (17 de julho de 1945). Estudante e soldado, homem de ciência e presidente de um dos centros científicos mais importantes do mundo, eis o caminho percorrido por Sergei Vavilov. Hoje, em pleno desenvolvimento de suas forças criadoras, tem a missão de levantar a ciencia do país soviético a uma altura ainda maior.

INTRODUÇÃO AO "TACÃO DE FERRO" DE JACK LONDON

PAUL VAILLANT-COUTURIER

O "Tacão de Ferro" já é uma obra clássica.

O título mesmo do livro de Jack London passou em linguagem corrente a ser sinônimo da implacavel Ditadura do Capital.

O livro, em seu conjunto, representa o quadro mais forte que já foi esboçado por um escritor, como verdadeira antecipação revolucionária.

"Sou socialista, dizia Jack London, primeiro, porque nascido proletário, em boa hora descobri que o Socialismo era a única saída para o proletariado; depois, porque deixando de ser proletário para me transformar em parasita (um parasita artista, pode ser), descobrí igualmente que o Socialismo era uma saída para o artista e para as artes".

Com seu imenso talento de narrador, Jack London — escritor proletário envolvido dêsde suas primeiras publicações na roda infernal do sucesso e da publicidade — descreveu, na figura do herói do "Tacão de Ferro", Ernest Everhard. o homem que teria querido incarnar, o militante perfeito, o combatente tipo do proletariado revolucionário, contra o inimigo de classe.

As discussões entre intelectuais, a perturbação lançada pela prédica socialista na classe média, o desemprêgo, a eclosão da gréve geral, a exaltação do "Tacão de Ferro" com a cumplicidade — assegurada pela corrupção — da aristocracia operária e dos sindicatos reformistas, o esmagamento da sublevação de camponeses, a terrível vida do "povo mergulhado no abismo", os provocadores, os roubos à maneira dos "gangsters", o terror, a bomba de Washington, a prisão dos líderes parlamentares, sua libertação, o cinismo inteligente das oligarquias, a comuna de Chicago e sua repressão, tudo isso constitue um quadro algumas vezes profético, onde já se descobre o fascismo europeu e os métodos de assassínios em massa empregados pelas organizações patronais da moderna "democracia" americana em sua luta contra os operários, como aconteceu em Pensylvania.

Pode-se acusar Jack London de ter pintado um quadro bem negro, de ter previsto trezentos anos da dominação sangrenta do "Tacão de Ferro", depois da derrota revolucionária ? Além de nos encontrarmos no domínio da fantasia, o pessimismo de Jack London se explica históricamente. Jack London escrevia no estado de espírito da esmagadora maioria dos intelectuais sociais-democratas de sua época. O "Tacão de Ferro" data de 1907. Foi composto na atmosfera criada pela imigração dos russos vermelhos de 1905. E se percebe claramente que a sua inspiração revolucionária provem das fontes russas — tinha entre suas relações os mais íntimos participantes ativos da primeira revolução — e que se submeteu ao contra-golpe de sua depressão consecutiva à derrota. Por outro lado, antigo operário, em contacto, por sua situação literária, com os capitalistas, conhecia por experiência nos dois extremos, o poder então em plena ascenção do capitalismo americano, e, comparando-o à autocracia degenerada e ao capitalismo embrionário da Rússia, não podia senão imaginar uma opressão muito mais duradoura, mais estandardizada, mais racionalizada quando se encarava a vitória do "Tacão de Ferro" no seu próprio país.

Por isso, se o livro de Jack London permanece uma grande obra como trabalho de ficção, alguns de seus detalhes nos parecem hoje limitados e mesmo perigosos sob o ponto de vista dos ensinamentos revolucionários.

Entre 1907 e hoje, a experiência de uma revolução do proletariado vitorioso já foi feita. Também, depois existiu Lenine. "Depois" é uma maneira de dizer, porque, quando Jack London escrevia seu livro, Lenine que muito tempo antes havia traçado as grandes linhas de organização e atividade de um Partido revolucionário em "Que fazer?", lutava passo a passo, precisamente, contra o pessimismo nas fileiras da inteligência revolucionária, recusando-se a dar um caráter de derrota ao insucesso de 1905, preconizando como realista, uma política de participação nas eleições do *Doma*, para utilizar todas as parcelas de legalidade que subsistiam, travando a batalha contra os desvios idealistas, oportunistas ou esquerdistas do grupo Bogdanov-Lounatcharski, e prevendo logo o despertar revolucionário que devia ser marcado em 1912 pelas greves de *Léna*.

O gênio de Lenine, traçava também, em 1907, as grandes linhas de uma antecipação revolucionária, que se devia realizar.

Mas, Jack London, não conhecia Lenine ou o perdia na massa dos revolucionários russos.

Tocado, como muitos intelectuais da época, pelo heroismo individual exigido pelos métodos terroristas dos *narodniks*, Jack London via a ação revolucionária como a obra de um punhado de individualidades ativas que se impunham por uma sequência de golpes vitoriosos. Assim, descreve a luta contra o *Tacão de Ferro* muito mais como místico e romântico do que como materialista. Fez dela uma sucessão de atentados e de provocações complicadas, organizados por agentes dissimulados e empolgados pelo fanatismo de uma religião nova e acabou trans-

formando seus heróis — os dirigentes da Revolução — em agentes que levam o sacrifício revolucionário ao ponto de se tornarem policiais do serviço secreto das oligarquias para melhor surpreender os seus segredos.

Sem dúvida, entrevê-se através o livro de Jack London que o resultado final é o triunfo do proletariado e o reinado da "Fraternidade", mas a massa que deve ser historicamente a artesan e a beneficiária não aparece em todo o livro senão como um rebanho de escravos, miserável e céga, incapaz de ser organizada e que só prova a sua existência por sobressaltos sanguinários...

Mas é preciso fazer justiça a Jack London que jamais acreditou nos rumores narcotisantes do pacifismo nem nas promessas enganadoras de uma revolução sem violência.

Em 7 de Março de 1916, nove anos depois de ter escrito o *Tacão de Ferro,* Jack London, então no auge da celebridade enviava ao Partido Socialista dos Estados Unidos, sua demissão nos seguintes termos:

".Prezados Camaradas. Solicito meu desligamento do Partido Socialista porque nêle encontro falta de energia e de combatividade e porque cessou de apoiar com todas suas fôrças a luta de classes.

"Inicialmente fui membro do velho *Socialist Labour Party,* que, êste sim, era revolucionário e se mantinha de pé sôbre as patas trazeiras. Desde essa época até agora tenho sido um membro combatente do partido socialista. Apesar de tantos dias decorridos, meu esforço de combatente pela Causa não está inteiramente esquecido. Dirigido para a revolta de classe tal como ensinava e praticava o *Socialist Labour Party,* e sustentado pelas minhas melhores convicções pessoais, tinha fé na classe operária como combatente, não fazendo união nem acôrdos com o inimigo, poderia chegar a se emancipar. Mas, uma vez que nêsses últimos anos a tendência do socialismo nos Estados Unidos tem sido toda de compromissos, sinto que meu espírito se recusa a sancionar mais essas pacíficas disposições e que não posso permanecer como membro do Partido. Eis os motivos de minha demissão".

Se a ignorância do leninismo e a atmosfera de 1907 agravando ainda as deformações inerentes aos intelectuais individualistas, explicam o que há de errado hoje no livro de Jack London, compreende-se menos o pessimismo de Anatole France, escrevendo em 1923 para o *Tacão de Ferro,* um prefácio no qual explica o "recúo do socialismo" pela "guerra que mata os espíritos como os corpos", e esquecendo quando passa em revista as razões da espera, de falar na U.R.S.S., então em plena batalha para a reconstrução de sua economia, em vias de curar as feridas da guerra civil e de mostrar às cinco outras partes do mundo o exemplo de um povo revolucionário que nada pode abater porque está armado de uma doutrina justa aplicada de forma realista por um partido disciplinado com a participação esclarecida e entusiasta das massas.

Exatamente em uma época que a revolução fez irrupção no mundo por uma porta que Jack London acreditava fechada por muito tempo, no momento em que a crise se desenvolve na própria América uma situação pre-revolucionária, o *Tacão de Ferro* permanece como um livro de grande classe na obra de um escritor que o proletariado pode reivindicar energicamente, como um dos seus.

Jack London, com efeito, nunca esquece as crueldades, os implacáveis necessitados da luta de classes

Evocando seus sucessos, êste homem que a burguezia amparava, reivindicando o título de membro da classe operária "Onde nasci", como êle mesmo dizia, "e à qual pertenço", jogava êsse duro aviso ao capitalismo:

"Não tenho mais a preocupação de subir. O potente edifício da sociedade, acima de minha cabeça, não contem nenhuma atração para mim. São os alicerces que me interessam. Aí, sou feliz sofrendo, de alavanca nas mãos, ombro a ombro com intelectuais, idealistas, operários concientes, dando golpes e abalando todo o edifício. Qualquer dia, quando formos mais numerosos e tivermos mais algumas alavancas para trabalhar, arrasaremos o edifício e com êle toda sua vida de podridão e seus cadáveres ambulantes, o monstruoso egoismo de que está impregnado. Então faremos a limpeza do porão e construiremos uma nova habitação para o gênero humano, onde todos os quartos serão alegres e claros e onde o ar que se respira será limpo, nobre e vital".

Grande lição dada por um escritor de raça a tantos dos nossos camaradas de juventude, de guerra e de revolta, que depois dos quarenta anos passaram para o campo do conformismo e que em troca da gamela de sôpa da burguezia ou de uma cadeira acadêmica, escolheram em definitivo uma pretensa "neutralidade" que impõe a coleira, a guarda da porta e o aperto de mão das oligarquias que manejam os chicotes.

"FRUTA ESTRANHA"

Dias da Costa

A vida dos negros no sul dos Estados Unidos é tão "boa", tão "amena", tão cheia de segurança, considerações e conforto moral e material que existe ali uma canção negra onde há os seguintes versos:

"Árvores que crescem no Sul,
Que estranhas frutas que dão:
As folhas todas de sangue,
De sangue as raizes são.
E os pobres negros defuntos
Pendentes delas estão,
A balançarem na brisa
Do meu sulino torrão.
E os pobres negros defuntos
Que estranha fruta que são!"

Estranhas frutas, realmente são os cadáveres dos negros enforcados pelos brancos e pendentes dos galhos das árvores.

Tão estranhas que serviram admiravelmente para título de um dos mais trágicos romances já escritos nos Estados Unidos, fixando a vida dos negros, o drama dos negros, que antes eram mercadoria trazida da Africa e hoje são párias, réprobos, quase animais, caçados a pau por qualquer motivo, enforcados, queimados, pendurados em árvores. Pois bem, é a vida e a morte dessa gente em uma cidade da Georgia o que Lilian Smith fixa com singgular realismo. Como era de prever, toda a sociedade branca norte-americana se levantou contra o livro. A hipocrisia das velhas puritanas, o egoismo dos magnatas, a blandicie emoliente dos pastores, o pudor das donzelas sofisticadas, tudo se uniu contra as páginas candentes da autora. Dando conta do que foi esse combate, diz-nos o editor brasileiro de "Fruta Estranha":

"Neste romance Lilian Smith encara corajosamente um dos mais serios problemas norte-americanos, o problema do negro. E a realidade com que o fez levou as autoridades de Boston a julgarem o livro imoral, (como há pouco aconteceu aqui no Brasil com o romance "Fronteira Agreste", de Ivan Pedro de Martins), interditando-o sob o pretexto de que a sua linguagem era "indecente e impura, tendendo a corromper a moral da Juventude".

"Pouco depois o livro tambem era interditado em Detroit, e o Departamento dos Correios resolvia proibir a remessa da obra por seu intermedio".

E' que a sociedade americana, a burguezia, a religião, os capitalistas, os puritanos do dolar e da Bíblia, defensores teóricos da democracia, estavam escandalizados. Não com os fatos contadas no livro, que eram todos verdadeiros, mas porque esses fatos estavam no livro. "Façamos misérias, cometamos crimes, mas não os contemos nem deixemos que os contem. Isso poderá criar um mundo novo, diferente em que não possamos continuar a fazer as nossas misérias, cometer os nossos crimes e gozar depois a necessária absolvição, desde que sejamos assiduos ao templo, e de vez em quando, façamos doações a clubes elegantes de filantropia bem arrumada e cheirando a água de lavanda".

O livro de Lilian Smith, como antes o "Filho Nativo", de Wright, era um livro perigoso. Imaginem só que um negro, um negro formado em medicina, tem ali a coragem de dizer a um branco, no único momento de reação de toda a sua vida:

— "Não é apenas pela miséria... pelos ordenados ínfimos... — Sam parecia estar tateando à procura de palavras. — Não é por causa de Jim Crow... E' por causa de vocês, homens brancos... tão áridos como as suas terras... apossando-se de nossas mulheres... Sim, usando-as como... estêrco; é só o que elas significam para vocês... Adubo... para fazer qualquer coisa verdejar na sua vida. E' só o que elas significam para vocês... Minha irmã... — A voz dele parecia agora o sussurro da brisa nas palmeiras. — Minha própria mãe... A mulher que amo... Um branco tomou-a... atirou-a de lado.. como coisa imunda e mal cheirosa... Por que não as deixam em paz?! Deus do céu, por que é que o negro tem de suportar isso! — A voz de Sam acalmou-se de repente — sei que não posso meter Deus nisso. Que é que um Deus decente poderia ter com..."

A frase tem que ser interrompida por um palavrão do branco. O branco não pode ouvir o relato de seus próprios crimes. O que não impede que aconteça o seguinte:

"Uma criança choramingou: "Mamãe, estou com fome, estou com fome" e puxou o vestido da mãe, que estava voltada para a multidão.

— "Psiu! — recomendou ela sem se virar. — Psiu! Estão queimando um negro. Não quer ver queimarem um negro?

"Uma tenue coluna de fumaça subia agora para o céu crepuscular. Um cão latiu, outro respondeu, um terceiro, e mais outro, como se uma grande inquietação se tivesse apoderado dêles.

"Deus do céu... Deus de piedade... Harris nada poderia fazer agora... E ele estava ali sentado e aguentava aquilo... Sim... batendo o punho na direção do carro, desesperado com a própria impotência.

"As mulheres brancas fitavam-no com curiosidade. Um filho de operário aproximou-se do carro e encarou-o. "E' outro negro, mamãe! exclamou. E a mulher: "Cale a boca! Ele pode agarrá-lo e fazer-lhe mal. Você não sabe disso?"

"Cada negro um bicho papão... escondido em baixo da cama, de cada branco... E' de fazer a gente chamar a Deus. E de fazer a gente ter vontade de rir, interminavelmente, enquanto chora...

"Gritos agora. Ouviam-se gritos, e a fumaça tornara-se negra, como se tivessem atirado óleo nas chamas.

"Sam deu a partida, guiou o carro lentamente através do Bairro Negro".

E é todo assim o livro de Liliam Smith, fixando fatos, procurando suas origens, analizando reações de almas em face dos acontecimentos. Onde estão as

O menino que morreu afogado

BERNARDO ELIS

Já tinha um horror de gente na beira do rio quando o delegado chegou. O corpo nú do menino estendia-se na areia. Arroxeado. Frio. Espanzinado.

O Delegado sentenciou que estava morto. Embora todos já soubessem disso, o espanto foi geral. E houve um silêncio máu, sarcasticamente cheio de reflexões. Logo, porém, vieram comentários: "que o menino estava vadiando no rio cheio e deu um de ponta. Que demorou a voltar à tona. Os outros meninos gritaram, berraram. Que o vendeiro veio correndo, mergulhou também. Chegaram mais pessoas. Depois meia hora o corpo passava na passagem e um velho o tirou. Quê isso, quê aquilo, quê era uma sucurí que tinha alí".

Agora o cadáverzinho estava estendido na praia. O Delegado esbravejou contra essas mulheres que botam filhos no mundo e não lhes dão educação, não cuidam dêles.

— Mas a mãe dêle era a cozinheira da pensão e nem sabia de nada!

— Ah! é?

Começaram a calçar no menino a calcinha suja e remendada.

Aqueles meninos da rua da beira do rio viviam dentro dágua o que daya o dia. O rio era a escola dêles. Sua diversão, seu mundo enfim. As águas claras e mansas davam-lhes o carinho que o trabalho não deixava as mães lhes dar. Davam-lhes brinquedos que a falta de cobre negava.

Para os meninos ricos, havia Papai Noel. Para os da Rua da beira do rio, enchente.

Êles ficavam imaginando uma cheia que cobrisse as casas da Rua debaixo. Então só os telhados ficariam de fóra. Poderiam dar depontas da tôrre da igreja, ir nadando de casa em casa, fazer barquinhos e sair remando por entre os telhados.

Naquela noite de fim de dezembro o rio roncou feito um danado. De manhã, a luz morta do dia punha reflexos idiotas nos redemoinhos traiçoeiros das águas barrentas. No meio, a correnteza se encrespava em saltos selvagens, em saracoteios lúbricos, numa volúpia diabólica de destruição.

O menino enfincou um pausinho na areia da praia, marcando a orla das águas. Com pouco, sumiu tudo.

— Capaz do rio passar pro riba da ponte.

Depois foram nadar na vargem. Mas o rio estava enfezado, trombudo, cheio de instintos criminosos e arrebatou o menino.

— Quem morreu, descançou. Vamos cuidar dos vivos — disse o Delegado. E o povo riu, por que a presença incômoda da morte rondava friamente a criança arroxeada.

---

soluções? Quem as encontrará? Não será de certo aquele jornalista chamado Prentis Reid, que olha a estante onde se alinham a Santa Bíblia (sendo ele ateu), Bom Senso. A Idade da Razão, Os Direitos do homem' "quatro livros bem manuseados". Não pode achá-la. Para ele o caso é o seguinte:

"Os que participaram do linchamento, eram uma corja de desordeiros. Não sabemos quem são. E' verdade que deviam ser punidos. Mas quem são eles? Parece que ninguem sabe. Um importante cidadão branco foi assassinado. Era necessario fazer-se justiça. O caso devia ser levado aos tribunais. Aquele negro devia ter sido julgado. Todo cidadão respeitador da lei pensa desta forma. Mas a guerra nos devolveu um tipo diferente de negro, que o Sul não aprecia. E os agentes trabalhistas do Norte pioraram a situação, com promessas que não pretendem cumprir. Só o que a industria nortista fará será atrair nossos negros, deixando-os morrer à mingua quando não precisarem mais deles. Nem haverá tampouco, em Chicago, esmolas dadas nas portas dos fundos, como aqui — e disso logo os nossos negros se certificarão. Essas tentativas feitas para interferir em nossa maneira sulista de agir enervam muita gente, gente rápida demais no gatilho. Os negros esqueceram-se do seu lugar, e isto é coisa que o sul jamais permitirá". "Os negros esqueceram-se do seu lugar. Para êles o lugar do negro é na cozinha do branco, no quintal do branco, no trabalho do branco, de espinha curvada, recebendo o que o branco quizer pagar como esmola. Só assim poderá o negro viver. Do contrário terá que pender do galho das árvores, "estranha fruta", nascida da mais repulsiva das sementes, a exploração do homem pelo homem, a divisão do mundo em raças e castas, onde uns se arvoram a senhores e outros são mantidos pela força como escravos. Até o dia em que esses escravos quebrem as suas cadeias, para não permitir mais que árvores como a da Georgia, com frutos humanos pendentes de cordas sujem a visão de qualquer ser humano em qualquer lugar do universo.

Mayakovski e o Exercito Vermelho

(Exclusivo para ESFERA)

V. Katanian

MOSCOU (Especial pela Inter Press) — No verão de 1942, durante a grande guerra patriótica, ocorreu o seguinte episódio na frente do Kuban. Sete jovens soviéticos defendiam uma colina — um pedaço de território russo — contra os ataques alemães. Passavam de vinte os inimigos que os atacavam. Faziam estes um fogo aterrador, disparavam morteiros; porém, não se atreviam a chegar ao alcance das baionetas russas.

Os sete valentes resistiam. Tinham de manter a posição até que chegassem reforços. Três estavam feridos; porém, viviam: carregavam os fusís e os entregavam aos companheiros. O fogo não cedia. Já se ouviam as vozes dos alemães, que gritavam: "Russos, rendei-vos!" Um jovem de olhos azuis, estendido sobre a terra, fez um movimento. Parecia que desejava responder algo, mas se limitou a apertar os dentes com mais força. Neste momento, um de seus camaradas feridos gritou uns versos do poeta Mayakovski:

"Fale
aos fascistas
a linguagem do fogo,
balas em vez de palavras,
e o fio das baionetas".

Ouviram-se novos disparos. Para dois alemães, os versos de Mayakovski foram a última coisa que escutaram em vida. Era esta a única resposta adequada, a única lingua que os nazistas compreendem bem. Sem palavras.

O punhado de heróis manteve a colina. E quando, depois do combate, o coronel fez o elogio deles, dizendo:

— "Bravo! Sete contra vinte. "Lutastes como leões".

— Respondeu um jovem de alta estatura:

— "Não éramos sete, mas oito. Conosco estava Mayakovski".

Estas palavras encerravam uma grande verdade e possuiam um fundo valor simbólico. Sim, o Exército Vermelho não se encontrava de nenhuma forma, sozinho nesta dura guerra contra os gangsters alemães. Tinha, a seu lado, todo o povo, toda a sua cultura secular. Estava armado não só com os fuzís automáticos e com as metralhadoras, mas, alem disso, com os grandes valores espirituais. Os soldados do Exército Vermelho sentiam no campo de batalha o sopro alentador de um povo de muitos milhões de almas; ouviam as vozes reanimadoras daqueles cujos nomes constituem um título de glória para o povo.

Assim, é claro que na primeira linha de combate se encontrava Vladimir Mayakovski, esse homem enorme, com rosto de operário e uma grande alma de poeta russo. Mayakovski viveu em uma época de grande significado, na qual seu país começou nova vida. Seus versos deram têmpera à alma daquela geração de jovens soviéticos que então se lançou aos campos de batalha, na defesa da Pátria. Mayacovski preparou-os para a luta, cultivou em seus corações a firmeza e o valor, a fidelidade e o sentimento da dignidade própria, o ódio ao inimigo e a afeição ao Homem. E os jovens não o esqueceram jamais.

Recordo um episódio, há um ano e meio, quando me convidaram a falar, em um hospital de Moscou, sobre Mayakovski. Na grande sala destinada aos feridos graves, havia doze camas, formando duas fileiras. Onze feridos se encontravam recostados nos travesseiros, olhando para mim e somente um — na extremidade do lado direito — dava-me as costas. Mas é certo que a este não escapou nenhuma só palavra das que se pronunciaram na sala: era cego.

Puseram no corredor algumas cadeiras, nas quais se acomodaram os feridos das salas próximas. Entre eles havia um rapazinho de treze a quatorze anos, querido de todo mundo, o intrépido guerrilheiro Vasia. Estava sendo curado de ferimento produzido por enorme golpe na cabeça. O verdugo acreditou, sem dúvida, que tinha dado cabo do rapazola; porém, Vasia vivia, estava sentado a nosso lado e sorria. Um sargento barbudo recebera a visita de sua filha. Ao escutar-me, conservava-a abraçada. E a menina, recostando-se no pai, mantinha-se muito atenta. Em uma cama havia muitos livros de Mayakovski.

Terminada a palestra, todos começavam a pedir que se lêsse versos; porem, não o pediam a mim, mas a um jovem com a cabeça envolvida em gases, que estava recostado perto de uma janela. Gostavam de demonstrar a uma pessoa conhecedora de Mayakovski, que tambem eles, em sua sala, liam e entendiam o poeta. Queria demonstrar com fatos e não com méros aplausos.

Não foi dificil convencer o jovem. A enfermeira, entretanto, não lhe permitiu ler mais que uma só poesia: o jovem estava ferido na cabeça. Talvez não fosse muito artístico. O leitor não se encostava em um piano, mas no espaldar de uma cama. Mas as palavras de Mayakovski vibravam extuantes de vida na boca de um homem que havia enganado a morte.

Depois, me agradeceram:

— Não leve a mal haver falado para um auditório tão reduzido. Tudo quanto aqui ouvimos sobre Mayakovski, cada um de nós contará a dezenas de camaradas.

Tais foram as palavras de um ferido do Exército Vermelho, de um leitor de Mayakovski.

Costuma-se dizer que cada escritor tem os leitores que merecem. Isto é particularmente verdadeiro em se tratando de Mayakovski. Mayakovski e seu grande

leitor — o povo soviético, o povo que venceu o fascismo — são dignos um do outro.

No entanto, se pudessemos encontrar para cada idéia a sua expressão exata, palavras claras e definidas que abarcassem o sentido íntegro do fenômeno, teriamos de evitar o vocábulo "leitor" para aplicá-lo às pessoas de que acabo de me referir. Essas palavras correntes — poeta: quem escreve versos; leitor: quem lê os versos — não refletem o sentido profundo das novas e complexas relações que existem entre "este" poeta e "este" leitor. E se digo: "amigos", verdadeiros amigos, tão pouco ficará expresso tudo: porem, se acentua algo muito essencial e novo, contido na natureza íntima dos versos de Mayakovski.

A carga de energia vital de seus versos se nutria de um imenso amor pelos homens, sentimento total, individual, de tudo quanto é próprio de Mayakovski. O poeta matizava todas as coisas com este sentimento: a vontade, o temperamento, o engenho, o afã insaciável de trabalhar, a procura de novas formas, a procura de amplos auditórios: está em cada estrofe, em cada gesto.

Passam os anos. O coração de Mayakovski deixou de bater há muito tempo, e, entretanto, sabemos que nunca morrerá no bronze imortal de seus versos.

Abrí agora, em qualquer página, qualquer livro de Mayakovski. E' impossivel não sentir a intensa pulsação, o bafejo dos profundos sentimentos desse homem, sua fé nos seres humanos. De cada uma das páginas a luz do amor se projetará. E com que se pode corresponder ao amor senão com o próprio amor ? Nisto reside a essência dos laços indissoluveis que unem o povo a este poeta, o povo soviético ao bardo da sua nova era de vida.

Repetimos esta palavra: amor. Que foi, senão o amor ao próximo, que moveu o grande exército do povo soviético, capaz de defender com o peito toda a Humanidade, que o fez ganhar a batalha pela liberdade do mundo inteiro? As grandes idéias de solidariedade humana e de uma vida justa, sem exploração do homem pelo homem, idéias — há vinte e cinco anos — lançadas ao vento em nosso país, lançaram profundíssimas raizes e prepararam moralmente o exército do povo livre, para que pudesse levar a cabo sua grande façanha.

De Mayakovski encontramos dezenas, centenas, milhares de estrofes que exaltam a força, o valor e a nobreza do Exército Vermelho, embora os grandes feitos dos anos de 1941 a 1945 ainda não tivessem acontecido. Esses versos são magnificos; porem, para muitas pessoas talvez seja ainda mais importante saber que neles está contida a resposta a muitas perguntas que, em todo o mundo, depois da guerra, formulavam pessoas pouco informadas sôbre a nova Russia: como foi possivel multiplicar até tal ponto a força e as riquezas do povo pertencente a tantas nacionalidades, e torná-lo capaz de suportar as terriveis provas da guerra? Como, sem capitalistas nem grandes proprietários de terras, os homens constroem e administram a vida? Como vibra um povo que se sente de todo jovem ?

ARTE E MODERNIDADE

AUGUSTO FONTES

E' ocioso pôr uma vez mais a questão da correspondência entre a arte e o tempo, em que surgiu e que simboliza por consequência. A arte proporciona a tôdas as épocas um símbolo em que elas cabem: não é a realidade que cria o símbolo para que a arte o traduza, como geralmente se supõe: é a arte que cria o símbolo em que a realidade se integra, como é o pensamento que cria as idéias em que as coisas reais do mundo exterior se contêm e se simplificam. A arte é essencialmente simbólica; a coluna dórica está para o gênio grego, como o templo ogival para o misticismo medieval; como o barroquismo da arte portuguesa de 500 para o gênio nacional; como El Greco, Cézanne, Van Gogh e Picasso para os nossos tempos — embora El Greco, por exemplo, cronologicamente não pertença ao nosso tempo: simbolicamente, porém, êle está perto de nós.

Queiram ou não, levantem-se as mais montanhosas barreiras de explicações pró e contra — o devir é uma realidade. Quem tem olhos para ver, *vê*, que o devir histórico é uma realidade palpavel. As coisas sucedem-se — dialética ou linearmente, não importa agora. Se a evolução é um fato (evolução não é sinônimo de progresso), se a arte, como vimos, a acompanha sempre funcionalmente — evidentemente que é ocioso pôr uma vez mais a questão quando não nos temos que dirigir àqueles cujos olhos não vêem e estão velados por uma neblina de cansaço e de formal! — cansaço e formal que é o mundo de ontem, que, por sua vez, custou a ser aceito, mundo a que falta o sangue e os nervos, que passaram para *hoje*, que os tais repudiam e tentam demonstrar estar errado. Pobres diabos! Ainda se houvesse uma esperança na cura da sua cegueira! Mas não há: os cégos estão fatalmente condenados a não ver. A arte moderna nunca foi, para os que vêem, senão uma coisa normal, adequada como poder simbolizador ao nosso tempo e relacionada, evidentemente, com o anterior porque, embora tudo se modifique, isto não significa que no tempo haja abismos: o tempo é contínuo. Assim como o indivíduo sente modificar-se psiquicamente em cada unidade de tempo que transcorre, sentindo no entanto, laços de parentesco que se não poderiam destruir — a não ser em casos patológicos, entre o passado e o presente, e o futuro que se divisa — a arte, modificando-se na sua técnica de expressão, o que resulta da necessidade de exprimir o que não tinha ainda sido expresso e que é caracteristica fundamental do tempo, que é aquilo sôbre que a arte construirá o símbolo, continua a mesma na sua natureza, assim como a filosofia é a mesma de Platão a Bergson, embora os problemas tenham variado ou sido postos doutra maneira e as soluções tenham sido diversas.

Só o pobre diabo, pois, misto de burguês e de cegueira, de consciência de classe e de morte na alma, pôde, pode e poderá insurgir-se — bramindo, despresando e filosofando — contra o fato do sangue correr nas veias dos artistas e da vida continuar serena ou tumultoasa, mas impossivel aos seus ódios, sua cegueira. O devir é um fato. E êles vão ficando e morrendo. Pararam: morreram. A arte vive porque continua sempre o seu caminho, porque se não torna coisa estática. Ela é, por sua natureza, dinamismo; "élan" para mais e mais longe; revolta contra a poeira sufocante dos caminhos percorridos. A arte não se satisfaz com os caminhos abertos nas densas matas: percorre-os e abandona-os porque a sua força é para ser gasta.

Mas, embora assim seja, vá lá um artista recusar-se a respirar a poeira dos caminhos batidos, saltando os muros que delimitam os caminhos, que senhores meticulosos e academicos fincaram na terra, desbravando o seu — vá lá, tente-o o artista autêntico e terá a glória de ter sido êle mesmo, de ter saltado a vedação do estabelecido e a mágoa (se é um artista que não junta à sua força uma serena consciência do que faz, o que nem sempre se encontra, o que não diminue o valor do artista) dos risos, das pedradas, dos insultos que dos camnhos abertos lhes atiram, ou a alegria (se é um artista, como Almeida Negreiros que "os compreende") de se sentir um alvo que lhes chama a atenção, quer queiram ou não, os novos caminhos abertos os tentam, e um misto de impotência e mêdo, os impede de fazer o mesmo.

Nenhuma arte, pois, que possa limitar-se aos caminhos percorridos e aos limites impostos pelos senhores meticulosos e acadêmicos. Contra os limites! Contra o formal! — grita a arte que é viva. Se não conseguisse saltar as barreiras, a arte fossilizar-se-ia.

Aqui, porém, surge um problema grave: todas as barreiras poderão ser transpostas? Sim, desde que outras se levantem para delimitar os maus caminhos abertos. (Vejo os senhores meticulosos e acadêmicos a murmurarem uns aos outros que o filho pródigo regressou ao lar do seu velho pai... A verdade é que, se o filho pródigo regressou, veio diferente, com a saudade, dos caminhos percorridos e a fome das fomes sofridas no deserto).

Ora, com a arte, dá-se o seguinte: se não saltar as barreiras, esterilizar-se-ia; se não construisse outras para delimitar os novos caminhos, redemoinharia tonta, espalhar-se-ia, diluir-se-ia, e, embora tivesse percorrido novos caminhos, não deixaria marcada a sua passagem por novos caminhos, isto é, não teria deixado obras de arte.

Nossas crianças

W. WASILEWSKA
(Autora de "Arco Iris")

Escrever? A propósito de que? Cada dia que passa inscreve na história páginas de heroismo. Nas espáduas dos homens mais normais surgem azas de turbilhão e de flama. Os traços fisionômicos que nos são familiares, ao lado dos quais passamos com indiferença, deviam transparecer, repentinamente, em sua beleza severa, a figura do herói. O jovem torna-se gigante, o velho camponês, uma visão dos tempos cavalherescos. Não existe um canto de nossa terra em que não se manifeste uma humanidade sublime, uma grandeza de alma ilustrada pelos acontecimentos heróicos que nos relatam os noticiários dos jornais, as emissões radiofônicas e outros fatos. Fatos que não exaltam a luz dos incêndios, a púrpura de sangue derramado, que não brilham como um foguete multicor subindo ao céu, mas que encerram uma coragem, uma abnegação e um amor infinito, ao lado dos quais nossa própria vida parece menos que o grão de poeira, que sacudimos maquinalmente com um gesto de dedos.

As crianças inscrevem na história heróica uma página à parte.

Pouco importa saber como se chamava o garoto de doze anos. Crianças iguais a ele existem muitas agora. Falo nêle porque sua história simples e comovente me foi contada por uma testemunha ocular.

Os carros alemães já roncavam na estrada. Os cascos de aço vão aparecer ao lado da aldeia. E' uma velha aldeia ukraniana que guardou a recordação da luta com os alemães há mais de vinte anos. O bosque não é longe. Podiam se ocultar entre arvoredos e atacar de surpreza as unidades inimigas.

Todos os homens ganham a floresta. Em sela e a galope! A poeira sóbe na estrada. E nessa nuvem cinzenta um garoto de doze anos corre acompanhando os cavalheiros. Os patriotas se vão, deixando a aldeia. As pequenas mãos infantís procuram se agarrar as rêdeas, os dedos prementes se apegam à crina dos cavalos. Mas como levar à floresta uma criança de doze anos para expô-la a todos os perigos, para uma luta de morte, que reclama o vigor e a solidês de um homem?

E no entanto, fazia piedade, esse pequeno que com as faces banhadas em lágrimas, corre atrás do cavalo se agarrando desesperadamente nas rédeas. A criança está ferida no coração, profundamente: não o julgaram digno de tomar lugar entre os patriotas, não o julgaram digno de ter uma arma. E portanto êle sente bem, sente com toda sua alma que pode lutar como os outros. E quer ser como os outros. Os cavalos aceleram sua carreira. Os pés nús das crianças não podem seguí-los na estrada poerenta. E na voz do garoto transpassa o desespero.

De repente, um dos cavalheiros, tomado de piedade, se inclina do alto da sela e entrega um objeto à criança.

— Toma, é uma granada. Fica na aldeia. Si perceberes alguma coisa nos avise. Abre o olho. Em caso de necessidade podes te servir da granada!

As lágrimas secaram instantaneamente.

As mãos da criança pegaram a granada cujo metal gela os dedos. Agora tudo vae. Tem uma granada como um patriota. E uma missão como um homem.

Esconde a granada na blusa e volta à aldeia. Como recebeu a ordem, abre o olho.

Ninguem presta atenção à este garoto de doze anos. Os alemães ainda não fizeram os reconhecimentos: prudentemente se mantêm à margem do logarejo.

A criança observa. O estado maior instalou-se numa casa à beira da estrada. Os oficiais alemães vão e vêm. Sentinelas guardam a porta. O menino sente sob a blusa, o contacto do metal. A pequena mão verifica com precaução: a granada está sempre lá, sob a axila. E na casa à beira da estrada, o estado maior alemão, os oficiais alemães.

Antes que tenham começado a pilhar o povoado, à incendiar as casas, a matar as crianças e as mulheres, antes que seja desencadeado o inferno que o garoto tinha ouvido falar, irá direito à esta casa. Sua voz permanecerá firme, suas pálpebras não baterão quando o sentinela interpelar com uma voz rouca. Por gestos êle explica que tem uma comunicação a fazer ao estado maior, que tem absoluta necessidade de entrar.

Um oficial surge na porta. Num ukraniano escorchado, pergunta de que se trata.

A voz da criança não treme. Olha o oficial direito nos olhos e lhe faz entender que

quer explicar onde se escondem os guerrilheiros.

Deixam que entre.

Seis homens estão sentados à mesa. Inclinados sobre um mapa falam entre si, em sua lingua. Todos os olhos se levantam para considerar o recem-chegado.

O menino observa, conta. Seis. Dragonas e galões. Nenhuma dúvida. São os oficiais superiores.

Sob a blusa o contacto gelado da granada. O olhar da criança permanece calmo. Calcula como se aproximar, como agir para ser bem sucedido. Responde num tom firme e criterioso. Procedendo pela ordem. Os guerrilheiros partiram, todos até o último. Os olhares duros interrogam impacientes. O garoto responde lentamente, sem abandonar seu sangue frio. Conta toda uma história, à maneira dos camponêses, sem precipitação, com força de detalhes para melhor calcular. E para se firmar no conceito desses homens se qualquer desconfiança surgisse.

Por fim, o oficial sentado ao centro e que parecia ser o chefe, fez um gesto com a mão. Agora êle sabe tudo: que partiram e como partiram. Só resta uma coisa: aonde estão?

O intérprete traduziu a pergunta para o menino:

— Aonde estão os guerrilheiros?

O garoto dá um passo em frente. Ei-lo perto da mesa. Face a face com os seis outros. Com uma voz calma, que nada mais tem de voz infantil disse no rosto dos seis oficiais:

— Os guerrilheiros estão em toda parte!

E num gesto rápido como um ráio, tirou de sua blusa a granada lançando-a em cheio nos homens da mesa. Antes que tivessem tido tempo de levantar, gritar ou compreender o que se passava, a morte chega.

E o garoto de doze anos está com êles. Um contra seis. Seu rosto se regela, seus traços se acusam, tornam-se austeros como os de um adulto. Sobre sua fronte tocada pela morte, lê-se a grandeza do herói.

Nenhum túmulo vae guardá-lo, a terra natal não o cobrirá. Seu corpo de criança se transformará numa chama dourada na casa em fogo. E como uma flâmula de ouro, seu coração ardente será uma brasa sobre a aldeia ukraniana.

E' por isso que importa pouco saber qual era o seu nome, como o chamava sua mãe quando corria nos campos. E' um entre centenas de outros, este elam do coração, esta coragem de uma criança que compreende e sabe amar ardentemente como um homem. E que sabe morrer em beleza, como um homem.

Numa noite de lua, cheia de luz e de sombra, numa noite da Ukrânia suave e perfumada, o auto caminha na estrada. Ao longe, alem da floresta, a claridade de um incêndio ensanguenta as nuvens, apenas desenhadas. Um caminhão quebrado jaz numa vala, o reflexo do incêndio no céu, o canhoneio distante, lembram que esta noite suave e perfumada não é uma noite comum. Que a despeito da lua e do perfume das flores, que apesar do silêncio da natureza, é uma noite de horror e de sangue.

O grande automovel roda sobre a estrada. Os campos cintilam cobertos de orvalho. Alem do brilho prateado da estrada está a escuridão da mata.

E de repente um grito ressôa. Duas figuras surgem de uma fossa. Dois pequenos guardas de uma quinzena de anos, não mais, armados com velhos fuzis.

O cano se detem. Os garotos, apontando suas armas, avançam com precaução. Dispostos a tudo, se aproximam. Na claridade da lua vemos armas tremerem em suas maos.

Pensemos um pouco: é noite, o incêndio queima no horizonte; ao longe um ruido incessante, monótono. O bosque é escuro, a estrada deserta e sobre esta estrada, um grande automovel negro. Impossivel ver quem o ocupa. Talvez dez homens armados até os dentes, com metralhadoras, talvez... vamos lá advinhar! Talvez o automovel leve a toda velocidade forjadores de ciladas, espiões, oficiais alemães?...

E diante de tudo isso, dois rapazes de quinze anos, não mais, sairam da floresta.

— Parem!

Paramos. Vivamente abrimos a porta do auto e rapidamente escondemos nossos revolveres.

— Seus documentos!

A voz infantil se fazia severa. Apressamo-nos a mostrar os passaportes.

À luz da lua, o garoto, sobrancelos cerrados, lê com atenção.

Devolve os nossos papéis. Sua expressão se tranquiliza. Então, êle e seu camarada podem serenamente conversar conôsco.

Suas mãos não tremem mais. Sim, estão de sentinela. Sua aldeia é muito próxima, atras do bosque. Quanto a êles, guardam a estrada; sabe-se o que pode acontecer?

Partimos, deixando a patrulha, esses dois jovens de quinze anos, armados com velhas espingardas, guardando o caminho perto de seu logarejo.

Dois garotos que saltarão da trincheira à aproximação de quem quer que seja. Os dois rapazes que nesta sinistra noite de luta, cheia de cochichos e suspiros das árvores, contemplam o céu rosado pelo reflexo do incêndio,

O Aparente Desgarro

HAYDEE NICOLUSSI

Si tenho algum Deus ou clan ignoro-o porque
não sei si existem clans ou deuses que concordem comigo.
Por isso apenas digo:
— eu sou da ala das vidas construidas por si mesmas,
as vidas que não custaram o sangue nem o suor de terceiros;
mas sou contra o progresso atingido
debaixo do chicote agressor da servidão coletiva.

Não sou contra o amor que escolheu livremente a alma gêmea da sua,
mas sou contra os que prostituem virgens sós e indefesas
para ir depois adeante desposar outras virgens.

Não sou contra as leis da família, que erige pedra por pedra,
o pedestal de seu lar.
Mas sou contra as greis desalmadas,
que esmagam orfãos e desvalidos,
para garantir a hegemonia de uma progênie tarada.

Não sou contra a indissolubilidade dos amores unísonos,
— ainda que os casais afundem no lôdo do rio da vida —
porque uma existência inteira é pouca para coordenar as etapas
da fusão integral.
Mas sou contra a indissolubilidade dos matrimônios falidos,
gerando desencontros viscerais no aro da própria aliança
recebida nos degráos do altar.

Eis minha nudez inconformada, capaz de tudo e capaz de nada,
paladinos do Ideal.
Por isso é que me sinto tolhida ante vossas táboas da lei...
Como posso acreditar em clans ou deuses que aprovam indiferentemente
o Bem e o Mal ?

---

escutam o distante canhoneio e carregam sobre suas frágeis espáduas toda a responsabilidade de um setor da estrada. Nervos retesados ao extremo, vontade forte até o limite máximo. E' facil ser um herói quando se ignora a angustia. Mas estes dois lutavam heroicamente contra um medo infantil, bem natural; medo da noite, medo da guerra, medo do desconhecido. Estes dois, a despeito do tremor que agitava suas mãos, tinham ido alem do que se podia considerar um perigo mortal, os que, em sua idéia, no momento em que saiam da vala, era o perigo.

Dois meninos de quinze anos! E quantos são êles, hoje, que montam guarda nas matas sobre as estradas, à margem das aldeias e dos povoados?

Quantos são eles, esses garotos, que substituem os homens que partiram para a frente, e que como resposta a seu grito "Parem" recebem uma bala no coração? Quem citará todos, quem inscreverá os nomes das aldeias e dos povoados em que êles viveram?

Têm um nome-legião. Nossas crianças são crianças heróicas, bravas crianças soviéticas, que com uma coragem de adulto, com uma inteligência máscula, lutam hoje pela Pátria. Crianças que têm no sangue o amor da liberdade, crianças para quem a palavra "Pátria" não é uma palavra morta, mas a vida mesmo, o bater do coração, um apelo ardente, um amor apaixonado.

E sua luta é a prova mais convincente de nossa verdade. E' também o repositório mais terrivel que a humanidade, estudando nossa época, pronunciará um dia contra o inimigo celerado.

E' com seu sangue que nossas crianças pagam sua dívida para com a Pátria que lhe deu uma infância feliz e cheia de sol. Nossas crianças vertem seu sangue no prato da balança em que a coragem, a verdade e o amor farão pesar para o nosso lado.

CARTAS DA YUGOESLAVIA
DA MACEDONIA

ILYA EHRENBURG

A Macedônia tem um destino sombrio. E' um país desgarrado e despedaçado. Durante séculos foi oprimido pelos turcos. Seu povo sofreu, pagou com sangue sua liberdade logo arrancada como se fôsse arrancada uma mãe de seu filho. Todos reconheciam a existência de um problema da Macedônia, mas ninguem desejava tomar conhecimento da existência de um povo macedônio.

Muito sangue de sérvios, búlgaros e macedônios foi derramado nessa terra em nome de sua imaginária libertação. Os búlgaros consideravam os macedônios como búlgaros autóctonos e os sérvios julgavam-nos sérvios legítimos. Os dignatários de Belgrado chegaram até a trocar seu nome, batizando-a de "Sérvia Meridional", autorizando o epiteto "macedônio" para distinguir o fumo.

Os naturais da Macedônia se viram obrigados a trocar com frequência os seus nomes. Apostolski passava a ser Apostolesco e Popov se chamava Popovic. Os macedônios não se submeteram. Foram para as montanhas, passaram à luta ilegal, fizeram-se revolucionários, encheram as prisões e morreram heroicamente. Muitas vezes seu valor era utilizado pelos intrigantes estranhos para os seus fins venais. Dizia-se não existir possibilidade de solução. O acesso agudo converteu-se em doença crônica. A salvação devia chegar quando a terra macedônica chamou a morte: ao ver os invasores alemães falaram um idioma comum com os demais povos da Yugoslavia. A questão macedônica foi resolvida de uma maneira criteriosa e inteligente: foi reconhecido aos macedônios direito de ser macedônio. A Macedônia passou a ser uma República Federal.

Pela primeira vez se abriram escolas em língua materna. Surge agora uma literatura macedônica, o país foi chamado à vida.

Resta saber até que ponto foi pesado e humilhante o jugo estrangeiro para se compreender a alegria dêsse povo. Em Skople, em Belese, em Ochrida, se vê em toda parte no lugar de placas de ruas, pequenas taboletas com a indicação "Rua 86", "Rua 247", etc. Não pense o leitor numa imitação americana. Os nomes das ruas estavam antes relacionados com a idéia do domínio sérvio e durante a ocupação militar com a idéia do domínio búlgaro. Ainda não foi possível dar no assim, a Macedônia é uma das terras mais antigas da cultura eslava. Em Ochrida, em Prilepe, em Skople, nas margens do lago de Ochrida, entre os penhascos negros das montanhas, existem nome a todas as ruas. Por isso, devem ser distinguidas pelos números. Citei êsse exemplo para mostrar como são amargas aquí as recordações e como é jovem a vida nova. Há homens, casas e ruas, porém os homens vivem ainda nas ruas por batizar. Mesmosteiros dos séculos XI, XII, XIII e XIV

Cem anos antes de Giotto inaugurar com seus afrescos o século maravilhoso do Renascimento, pintores anônimos da Macedônia encontraram perspectiva, o volume, a vida, a côr e o movimento e enriqueceram o mundo com suas criações. O Renascimento não começou em Pádua e sim em Ochrida. Assim, se na arte européia povos na sua maioria desinteressados pela arte podem reivindicar a questão da prioridade, a ela podem aspirar com justiça os deserdados e pouco conhecidos macedônios.

O povo conserva seus dotes e seu espírito criador. Apesar dos séculos de ignorância e mutismo, a música popular da Macedônia surpreende pela sua originalidade, por seus acentos pouco comuns, suas sincopadas.

Em Skople existem excelentes museus onde foi recolhida a arte antiga, as melhores mostras da criação popular e das obras dos artistas modernos. Aquí se podem ver os trabalhos do interessante pintor Ivan Martinovski, as obras do escultor Dochi e outros trabalhos.

A Macedônia é pródiga em novos compositores, entre os quais é preciso citar em primeiro lugar o nome de Prokopiev. A linguagem literária da Macedônia recomeça a sua criação. Noutro tempo existia aquí uma opulenta literatura oral. Os livros em idioma macedônio não existem — trata-se de uma língua cantarolada e próxima do vulgo. O primeiro livro em idioma macedônio apareceu há sete anos. Existe em Macedônia um brilhante e apaixonado poeta — Venko Markovski que pode ser chamado o criador da linguagem literária e revolucionária da forma literária.

Aquí tudo deve ter começado na mesma época. Já há em Macedônia 2.000 professores e ... 150.000 alunos, porém, nas tipografias se acabam de imprimir a toda pressa as últimas folhas dos livros escolares. Foram abertos ginásios, centros de ensino técnico e um instituto pedagógico. O povo, que por fim passou a ser um povo, está ávido de cultura.

Não quero envernizar nada.

Sei que o antagonismo nacional engendrado pelos séculos não desaparece em poucos dias. Também existem dificuldades na Macedônia. Depois da primeira guerra mundial, o govêrno de Belgrado instalou muitos sérvios aquí. Durante a ocupação os búlgaros fizeram com que se afastassem. Agora os sérvios começaram a voltar. Terá que ser superado o antigo desacordo e a medicina interpreta êsse grito que repetem milhões de yugoeslavos, cortando cadenciosamente as sílabas, como um juramento: "Fraternidade e Unidade".

Na Macedônia, mais de 30 % da população é composta de albaneses, turcos e kutsovlajos. Os macedônios viveram longo tempo oprimidos como se preparassem para ser opressores. Foram abertas escolas para os albaneses, para os turcos e para os kutsovlájos. Existem letreiros em muitos idiomas. Nos comícios em que intervinham os albaneses, falam albanês e os turcos em turco. E com todos os idiomas diferentes se fez uma língua comum: a dignidade, a liberdade, a solidariedade.

Em um mosteiro próximo de Prilepe vi muitos macedônios fugitivos da Grécia. Camponeses ameaçados de morte. Mais de ... 200.000 macedônios se encontram do outro lado da fronteira grega. Sei que alguns jornais estrangeiros têm apontado a Grécia como exemplo para os povos livres dos Balcans. Gostaria que êsses jornalistas viessem até aquí. E' certo que a Macedônia fica muito longe e que os caminhos para êsse país são detestáveis, mas em compensação poderiam se deleitar com a beleza do lago de Ochrida. Aquí escutariam a narrativa de uma velha camponesa que salvou da morte os seus netinhos: "chegaram e disseram: quem não quizer ser um grego vivo, dentro de uma hora será um eslavo morto".

Há uma dôr oculta porque a fronteira não passa unicamente pela terra macedônia: passa também pelos corações dos macedônios. Esta terra é pobre — suas riquezas não foram ainda descobertas. Durante muito tempo foi olhada como um campo de batalha e não como uma terra de trabalho. Tenho estado nas aldeias: casas com chão de terra; quase nenhum movel e sem camas; crianças descalças. A séca danificou o trigo; a sêca queimou também o tabaco. De uma maneira geral a Macedônia se arranja o ano inteiro com o seu trigo. No momento que atravessamos dará apenas até o começo do ano novo. Mas a Macedônia de hoje não é uma madrasta e já está chegando o trigo de Voievodina. Será difícil, porém, não se passará fome. Chegaram de Belgrado 50 tratores. Leva-se a cabo a reforma agrária.

Aquí só se trabalha uma quarta parte de toda a terra. Os campos sem dono são distribuidos entre os camponeses sem terra. Na aldeia de Kosach os camponeses me responderam excelentemente quando lhes fiz perguntas sôbre os fornecimentos de cereais e carne: "À mãe se dá uma porção sem regatear nada". Agora não está difícil, sendo que dentro de um ano será mais facil. Hoje o rei não manda. Agora mandamos nós: o povo.

Talvez exista quem se admire por terem os macedônios votado unanimemente pela Frente Nacional — alguem que esteja muito longe de ser macedônio. Aquí não há grupos de oposição, nem siquer *cafés* de oposição. Aquí todos compreendem que *Tito* quer dizer uma Macedônia livre.

Em algum tempo a palavra "Balcan" foi sinônimo de hostilidade nacional, de golpes de Estado palacianos, de cultura atrasada, de intolerância, de barbarismo. Saibam todos que êsse tempo já passou. Os Balcans vivem uma época de fraternidade, de elevação cultural, de construção e se ainda existem "Balcans" no velho sentido da palavra, dêsde logo se pode dizer que não é nos Balcans.

A luta continua, Arnaldo

Eliezer Burlá

"Os homens sós", o romance que Emil Farhat vinha escrevendo há anos, ainda sob a pressão filintiana, encerra uma mensagem que todo homem de bom senso negaria ainda há poucas semanas, mas que agora já não se afigura tão impossível e monstruosa. "Destruir, para depois construir" — eis o que quer significar aquela bomba atirada por Arnaldo na casa de um dos "poderosos homens públicos". Destruir êste mundo ignóbil e errado, arrancar das raizes as árvores semeadas pelo espírito maléfico da ditadura; arrasar com as suas obras luxuosas e engabeladoras; espezinhar os mitos de invencibilidade dos figurões do poder... E depois então construir um mundo belo e indeformado, um mundo com escolas e sanatórios, com jardins e bibliotécas.

Não será uma tática de luta cem por cento revolucionária, por certo, esta que Arnaldo parece preconizar. Mas, quando o fascismo avança por todos os lados e reconquista o terreno parcialmente perdido, então não poderemos encarar a violência com amabilidade, nem deixar que se alastre sem que lhe decepemos, de golpe seguro, a cabeça. A hidra nazista, tão bem representada pelos cartazistas norte-americanos, vive ainda, transladou-se de Berlim a Madrí, a Buenos Aires, ao Brasil... Seus rastros se encontram facilmente em toda parte, e aos poucos cria novo alento, revigora-se, torna a ranger os dentes furiosamente, a arreganhá-los aos povos amantes da paz e da concordia.

"Mais de mil homens e mulheres, alguns de uniforme militar, fizeram a saudação fascista a Sir Oswald Mosley, antigo lider da União Britânica Fascista, em Londres, hoje à noite, num comício celebrado num café. Mosley disse aos presentes que os fascistas nunca esqueceriam seus sofrimentos e procurariam também que seus inimigos não os esquecessem". Isto disse um telegrama da Reuters. E tudo aconteceu em 17 de dezembro de 1945, poucos meses depois do fim da guerra.

Arnaldo, porém, acreditava na aurora que um dia iria raiar sôbre o mundo. Êle o disse a Samí, seu velho e fiel amigo de jornal. Disse-o, mas compreendia que as côres da aurora não eram cor de sangue por acaso, e por isso atirou a bomba na casa de um dos inimigos da humanidade.

Uma bomba... De 1939 a 1945 toneladas de bombas foram despejadas sôbre quase todas as cidades da Europa. E elas justificavam a mortandade que causavam entre as populações civís, dizendo que dentre as ruinas nasceria um mundo melhor. Conseguiram tanto, os caças da Air Force e os B-29, quanto a bombinha de Arnaldo. Só que eram mais poderosas, e menos bem intencionadas...

Esta preocupação de destruir para depois construir vinha em estado latente há muito. Ainda garoto Arnaldo se espantava com a facilidade com que o país se deixava dominar por uma quadrilha de inescrupulosos. Pensara em fingir-se de mau, guindar-se às mais altas posições, conquistar a confiança dos poderosos e depois... dar-lhes uma "rasteira", derrubá-los, e chamar para o govêrno homens dignos e justos. Como se isto fôsse possível em política ! Na verdade, porém, quantas vezes idéias semelhantes nos ocorreram quando víamos homens, absolutamente desprovidos de qualquer qualidade, serem nomeados para altos e importantes cargos. "Não haverá um meio de acabar com esta farsa espantosa?" — pensávamos.

O fascismo tomava conta do mundo, o velho marechal Petain se curvava diante de Hitler, Franco dizia que o Eixo era tríplice e Getulio erguia loas ao seu Estado Novo.

Raimundo, o comunista, companheiro de Arnaldo, corria de operário a operário a soltar o seu brado de confiança no porvir humano. Luta inglória e perigosa — quantos prosélitos conseguiria ? Uma palavra, uma promessa, uma esperança... bastariam para criar odio ao fascismo demagógico e falsamente social ? Não seria melhor acabar com tudo de uma vez, rebentar a fortaleza da intolerância, abafar para sempre o insultuoso rumor das orgias e bacanais com que os grandes celebravam sua onipotencia ?

E veio a idéia da bomba.

Insisto nêste fato porque, mesmo que o autor não o tenha querido revelar por completo, aí está a tese capital do livro. A bomba que Arnaldo atira no palácio de Artaxerxes (apesar da desaprovação de Raimundo), revela toda a impaciência de uma geração que não quer esperar a felicidade "na consumação dos séculos". As profecias de Isaias esperam há dois mil anos o seu cumprimento. A humanidade, porém, não quebrava ainda suas espadas e as transformou em utensílios agrícolas. Não cantam os trabalhadores nos campos, nem a concordia e a justiça reinam na terrra. Como nos últimos tempos de Israel, alguns "eleitos" continuam a dominar a terra. Apesar do sacrifício de vários milhões de jovens, os "elei-

Promessas teatrais para 1946

T. G.

Promessas, no bom sentido. Gente conciente, construtiva, capaz, que se movimenta para fazer caminhar o teatro nacional — êsse nosso tão caluniado e injustiçado teatro, que é bem melhor do que muita gente pensa.

De início, o grande plano de Dulcina, elaborado o ano passado, a pedido do Ministério da Educação, que, num momento de clarividência pressentiu-lhe o valor (mas não é preciso acrescentar que não o aproveitou...) e que será posto em realização êste ano, por iniciativa particular de sua autora e de um grupo de intelectuais e artistas que com ela trabalharão: o *Teatro de Arte do Rio de Janeiro* que viverá no seu duplo objetivo de divulgar sempre o melhor teatro e de manter a *Academia de Arte Dramática* que é, do ponto de vista de Dulcina, a sua razão de ser. Plano que vem amparado na incontestável autoridade artística de Dulcina e na inteligência com que soube selecionar os colaboradores para sua concretização. Plano que é mais uma contribuição de seu espírito altamente criador, ao qual o teatro brasileiro já tanto deve, no sentido de sua grandeza.

Agora, na claridade dessa alvorada que subitamente se anunciou e se definiu nos horizontes brasileiros, o Teatro e a Escola do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL — um dos aspectos mais fascinantes da obra cultural da *Universidade do Povo*. E ambos — a organização de Dulcina e seus companheiros e a organização do Partido Comunista do Brasil — visando a um mesmo fim: o melhoramento do espírito de nosso povo, sua aproximação do Teatro, através uma cultura artística gratuita e bem orientada que ambas as escolas se propõem fazer.

Mas não ficam nisso as promessas anunciadas: além do programa já divulgado do *Teatro de Arte*, por Dulcina (repertorio com Lorca, com Tolstoi, com Cassona, com Giraudoux, com Shaw, com Achard, etc.), e do programa ainda não divulgado, do PARTIDO COMUNISTA, pela voz da grande lutadora das causas artísticas e sociais que é Eugenia Alvaro Moreyra, há ainda os programas das Companhias que aquí farão temporada: bonitos planos de Maria Sampaio; Eva Tudor, estreando com Bernard Shaw e anunciando um repertório dignificador de seu teatro; Bibi Ferreira, informando o seu propósito de subir cada vez mais o plano de seu repertório que, desta vez, nos trará "Tessa", "A Carta", "Frénesie"; Miroel Silveira, organizando com Zibinski o seu *Teatro Popular de Arte*, do qual não podemos duvidar, por ser criação do espírito brilhantíssimo de Miroel; a notícia de que *Os Comediantes* ficarão efetivos dentro do teatro... enfim: coisas que nos animam, que nos enchem de esperança, e que nos dizem aquilo que há muito tempo vem sendo ocultado: que é preciso ter havido alguma coisa para traz criando possibilidades a realizações tão sérias como as que se anunciam. Fôsse o teatro brasileiro a fôrça morta que os derrotistas pretendem seja! e onde clima, ambiente, para tais perspectivas?

Eis aí uma pergunta que não ficará mal ser feita a muita gente que se afirma gênio pela negação sistemática do valor de nosso teatro...

---

tos" não abrem mão do poder; ao contrário, procuram centralizá-lo cada vez mais. Perón chegou a dizer que esperava "governar" 60 anos o seu país para poder cumprir com o seu "programa"; Salazar faz eleições para se eleger; Franco se agarra ao poder com unhas e dentes; Getulio Vargas classificou seus 15 anos de despotismo como "um curto período" e quis repetir a dose...

Assim são os poderosos. E enquanto se debatem nas malhas da política e abrem mão de quaisquer princípios morais, o povo sofre e geme, e come o pão com o suor de seu rosto. Os lupanares proliferam, as doenças se alastram como epidemia, a miséria cava fundos sulcos em todas as faces. "Um dia virá a libertação". Mas não poderemos conquistá-la com as nossas próprias mãos? Ou por outra, não *deveremos* conquistá-la?

Arnaldo não o diz com clareza. Atirou a bomba, como um desabafo, como uma compensação ao sofrimento de seu primo Miguel e de toda a humilde e infeliz humanidade que o circunda. Estará certo ou errado? Raimundo, o comunista, o bom e puro Raimundo, acredita no poder da palavra. De ouvido em ouvido êle a vai semeando. Sua palavra também é uma bomba, porque encerra a verdade sôbre êste mundo sujo e ignóbil. Esta bomba aniquila as velhas idéias, arranca de seus assentos os que se consideravam portadores de uma "nova ordem". Sôbre as ruínas fumegantes erguer-se-ão lentamente os alicerces de um novo mundo. Será belo em suas linhas singelas, admirável na pureza de seu céu, arrebatador na grandeza da humanidade que o habita...

Êste é o sonho que Arnaldo não ousa revelar em "Os homens sós". Nós, no entanto, amigos e companheiros de Arnaldo, fraternalmente o acompanhamos na luta de todos os dias por um pouco mais de luz.

Saímos de um tunel escuro e abafado, e as primeiras claridades do dia nos entonteceram. E eis que os velhos e odiosos maquinistas tentam reconduzir o comboio dêste grande país para o tunel, como a querer afogar nas trevas os libertadores. A luta continua. A luta continua e já não estás só, Arnaldo!

Reconstroé-se rapidamente a França

(Do S. F. I. para ESFERA)

PARIS, 23 — Em importante discurso, em Montceau-les-Mines, o Ministro de Estado, Sr. Maurice Thorez, tratando da atual situação econômica da França, referiu-se ao aumento da produção carbonífera. Passou essa produção de apenas 1.500.000 toneladas mensais, por ocasião da Libertação, para 3.974.000 em janeiro de 1946. Salientou êle que tal produção ainda é insuficiente apesar de ter excedido em 10.000 toneladas, a produção máxima mensal, atingida em 1938, pois antes da guerra consumia a França entre 70 a 80 milhões de toneladas, e sendo sua produção de 45 a 50 milhões, supria ela o "deficit" com importações.

No momento atual, além da falta de transporte, há a considerar a circunstância de os paises exportadores estarem passando por grande crise e não nos poderem exportar, como antes. Além disso, ainda não conseguimos do Sarre e do Ruhr, o carvão a que temos, legitimamente, direito, a título de reparações. Por isso, deve a França aumentar sua produção.

Afora outras dificuldades, a aparêlhagem das minas é medíocre e insuficiente. Algumas minas não podem abrir novas galerias por falta de mecanismo necessário. Eis porque se impõe a modernização urgente de nossa indústria carbonífera.

Examinando outros ramos da economia, citou o ministro números para demonstrar os progressos no setor da eletricidade. Observou-se nêsse setor um aumento de 20% em relação a 1938: com a repreza de Genissat, um primeiro grupo de 5.500 kwt. será posto em serviço, em dezembro de 1947.

"Atualmente — disse êle — temos em atividade 28 altos fornos. Antes da guerra tínhamos 107. Mas, em janeiro de 1945, tínhamos apenas 7".

"Nossas fundições que produzem agora 177.000 toneladas mensais, só produziram 30.000 em janeiro de 1945. São constantes os progressos. Ainda assim estamos muito longe da produção mensal de 1938, isto é, 500.000 toneladas.

"Produzíamos 5.000.000 de toneladas de aço em 1938. Nossa produção em 1945 foi de 2.500.000. E no ano que corre tudo indica que produziremos 4 milhões.

"Com os progressos da extração carbonífera e com os novos processos de produção industrial, aumentará, nossa produção de cimento.

Precisa a França aumentar a produção de vidros planos — tão necessário à reconstrução das casas destruidas — apesar de sua produção já exceder em 70% a produção de 1938.

Intensifiquemos a produção de tecidos que já atinge ½ e mesmo 3/4 da produção de 1938. Nêste ramo importantíssimo as importações de matérias primas permitem trabalhar 100%.

Passando às dificuldades do abastecimento, Thorez explicou-lhe as causas: falta de mão de obra, animais de tração, adubos, máquinas agrícolas e a sêca excepcional do ano passado.

As pesadas perdas sofridas pela marinha mercante francesa entravam o abastecimento da metrópole, em produtos alimentícios, vindos do além-mar: vinho, óleo, café, arroz, etc...

Escassez de batatas, escassez de trigo, de carne e vinho. E é no meio de dificuldades de alimentação que o povo francês deve prosseguir sem desânimo, o trabalho de reconstrução.

Quanto ao problema financeiro, declarou o ministro: o Govêrno propôs e a Assembléia Nacional Constituinte aprovou, com grande maioria, a redução dos gastos militares de 200 bilhões de francos, como estavam previstos, para 140. No fim do exercício financeiro, os efetivos do exército passarão de 1.000.000 para .... 500.000 homens. No fim do ano, organizaremos um exército, com sorteio militar, e adaptado às novas condições da técnica moderna. Será êsse exército a garantia de uma França forte e independente. Limitaremos estritamente às necessidades do novo exército a produção de armamentos nos arsenais e de aviões nas fábricas nacionalizadas. Fabricar-se-ão tratores, máquinas agrícolas, máquinas, ferramentas e objetos de uso. Nossos estaleiros não ficarão parados. Produzirão navios mercantes".

"A redução das despesas com o funcionalismo permitirá simplificar uma administração pletórica. Suprimimos os Comités de Organização que só traziam entraves ao livre desenvolvimento da indústria, comércio e agricultura. Suprimir-se-á a divisão regional. Tais simplificações permitirão grandes benefícios".

A respeito das nacionalizações, Thorez frizou: "Serão nacionalizados os setores particularmente importantes da Economia Nacional, onde a iniciativa privada se revelar ineficaz, ilusória ou contrária ao interêsse geral. A nacionalização englobará a eletricidade, o gás, e o sub-solo. Estúdou-se a nacionalização parcial das marinhas mercante e fluvial. Quando no setor privado, tão logo a produção ou seu reinício for satisfatório, terão os particulares plena liberdade. E' preciso terminar os entraves, encorajar o esforço e desenvolver o espírito de iniciativa".

Um capitulo de "Causas Economicas e Politicas da 2a. Grande Guerra"

B. CALHEIROS BOMFIM

O ano de 1937 terminara numa atmosfera carregada de nervosismo e prenhe de gravidade. Acontecimentos da maior importância — como, por exemplo, o discurso de Roosevelt pregando a necessidade de serem postas em quarentena as nações agressoras, a retirada da Itália da Liga das Nações, as inomináveis atrocidades dos mouros e da aviação ítalo-alemã contra a população civil da Espanha, o afundamento da canhoneira "Panay" pelos japoneses no rio Yangtsé — ocorridos no fim daquele ano, faziam ressaltar a seriedade da situação internacional.

Os sucessos de 1938 — entre os quais a anexação da Áustria, o fechamento da fronteira franco-espanhola e as escaramuças nipo-soviéticas a sudeste de Vladivostok, com o emprêgo das armas mais modernas — tornaram a crise mundial ainda mais tensa e ameaçadora. Muitos fatores, contribuindo para o aguçamento da situação, indicavam que o mundo capitalista chegara ao limite máximo de seu poder de contensão. De fricção em fricação caminhava-se para um choque armado de vastas proporções. A diplomacia apaziguadora anglo-francesa, ao invés de assegurar a paz tornava mais próxima a guerra.

Um retrospecto das condições econômicas mundiais de 1938 colocará diante dos nossos olhos o quadro das dificuldades em que se debatiam os países capitalistas, especialmente os Estados fascistas.

O volume da produção, que vinha aumentando desde 1929, começou a cair em 1938. A Alemanha, o Japão e a Itália, vergados sob o pêso de seu colossal programa rearmamentista, viram-se na contingência de reduzir ainda mais o consumo alimentício de sua população. Uma nova crise agrária empobrecia as massas camponesas da Europa Central, tornando, assim, essa região um material combustível de primeira ordem para explosões armadas. Em muitos lugares do mundo a proletarização da classe média, sob a pressão de tão dura crise, processava-se a passos largos. E o capital colonizador, pisando em terreno fértil, se aproveitava dêsse empobrecimento geral.

As restrições e proibições alfandegárias atingiram tal ponto que o comércio internacional se restringia dia a dia. Vários países, com o seu intercâmbio econômico quase paralizado, tiveram de celebrar entre si tratados especiais de comércio. Alguns Estados de economia precária foram obrigados a aceitar o comércio com a Alemanha na base de marcos compensados. O número de desempregados crescera novamente, ascendendo o seu total a dezoito milhões. As greves, que se faziam sentir particularmente na França e nos Estados Unidos, se alastravam a outros países.

O mundo político, como era natural, não escapou aos efeitos dessa crise econômica.

Uma verdadeira desagregação moral corroia os organismos da França, da Polônia e de outros Estados burgueses. O Govêrno britânico, egoista e reacionário, tinha de fazer face a um crescente descontentamento popular ante os insucessos da política externa do país. A França, colocada numa situação de quase dependência política da Grã-Bretanha e com sua unidade interna minada, estava reduzida a uma potência de segunda categoria. Em alguns países, como aconteceu em 11 de maio de 1938 no Brasil, os fascistas tentavam assenhorear-se do poder por meio de golpes armados. Na Alemanha, a perseguição e os saques contra os judeus chegavam ao auge.

A política racista, em cujo nome Hitler anexara a Áustria, transformava-se no novo instrumento expansionista do imprealismo alemão.

Fichas de Linguagem

POMBA CASCÁVEL — POMBA CASCAVÉL — FOGO APAGOU —

(Scardafelia Squamosa)

O NOVO DICIONÁRIO, em 1922, incluiu pela primeira vez nos arquivos lexicográficos da língua, o verbête Pomba-cascavel; e como não lhe pusesse nenhum acento gráfico, entendia-se, de acôrdo com o plano geral da obra, que a prosódia do segundo elemento do substantivo devia ser cascavél. Estava certo. Aquela pombinha, ao levantar vôo, faz um ruido muito semelhante ao de um chocalho ou cascavel. Daí lhe veio o nome, que alterna com o de fogo apagou, proveniente da voz da ave.

Em 1925 fez-se segunda edição do *Dicionário Contemporâneo*. O autor, ou compilador, ou editor dêste léxico copiou do *Novo Dicionário*, "ipsis verbis", o artigo Pomba-cascavel; mas ao figurar a respectiva pronúncia, que de certo nunca ouvira, levado pela fadiga (nêstes casos o trabalho de copiar é grande e fadigoso), esqueceu o plano geral da obra que copiava, e, supondo que o acento tônico devia estar na penúltima sílaba, marcou alí a pronúncia espúria *Cascável*.

Foi fatal a fadiga do vocabulista tresnoitado de 1925; — o autor do *Novo Dicionário*, que nunca veio ao Brasil, e só conhecia o termo por tê-lo visto escrito na incerta ortografia brasileira, lendo a nova edição do colega, entrou a duvidar do que fizera três anos antes, e em 1926, ao imprimir a quarta e última edição da sua obra, marcou alí a prosódia *cascável* confirmando assim a errônia do outro...

GENTE DE "ANJO NEGRO"

SILVIA

O aparecimento de "Anjo Negro" para os amigos de Cordeiro de Andrade tem um significado sentimental muito acentuado. Não apenas pela lembrança de um morto que em qualquer tempo pode ser reavivada por circunstâncias fúteis. Não, não é isso o que acontece com Cordeiro de Andrade, em seu livro que a Editora José Olimpio custou tanto a publicar. Lendo "Anjo Negro", qualquer leitor sente viva, bem viva, a existência de gente humana, com as suas lutas, seus desenganos e suas pequenas tragédias que não chegam a convulsionar os ambientes menos favorecidos. A maior característica do autor de Tonio Borja é justamente essa penetração natural e compreensiva nas criaturas que nada têm de brilhante ou de construido, mas que são a essência de uma coletividade dominante em nossa vida social. Não são os intelectuais nem os párias rotulados que o escritor procura tratar no seu afan de romancista. Não são as emoções estranhas e empolgantes que o artista procura tecer em rêdes psicológicas. Não, é a vida cotidiana, é o sentimento medíocre e desbotado dos seres vulgares que não chamam a atenção do burguês nem atraem aos pesquizadores de almas trabalhados por imaginações criadoras. Sim, é a vida sem brilho, como já o disse, a vida geralmente desprezada pelos aventureiros da literatura. Na sua gente, Cordeiro sente palpitar a natureza, penetra e interpreta com uma expontaneidade que chega a comover àqueles que realmente se interessam pela nossa condição humana mais legítima. Não precisa da fantasia nem rebusca formas forjadas para prender ao leitor. Não faz concessões sinão à realidade morna que ainda não se conseguiu defender de maneira mais efetiva e mais solidária. Então, o amigo de Cordeiro de Andrade, sente, agora, voltando a ler mais um retalho da vida pequeno burguesa, a serenidade tão sentida e tão emotiva de um batalhador pelas causas humanas. Serenidade, sim, porque em Cordeiro, nunca havia um gesto que não fosse sereno, mas ativo, profundamente sincero e construtivo. Em "Anjo Negro", nós, os amigos de Cordeiro de Andrade, sentimos o velho camarada, que mesmo para morrer, com sofrimentos tão cruciantes, nunca perdeu a sua maneira de suportar os sofrimentos alheios, quando uma moléstia implacavel lhe inflingia os mais duros golpes. Não sei como fazer o comentário de "Anjo Negro", quando assistí compungida, êsse homem se comportar em face do próprio sofrimento, como sempre se comportára em face do sofrimento de seus semelhantes. Guardo a impressão de um olhar amigo, de Cordeiro já moribundo. Depois, não o vi mais. Não tornei a ver Cordeiro de Andrade, de quem tinha recebido um recado na véspera de sua morte. (Faltei nêsse dia à Liga da Defesa Nacional e assim não me despedí de Cordeiro de Andrade). Mas, para que despedida ? Aí está sua gente, seus brasileiros do norte e da capital, essa classe que não sabe se comportar ou que se comporta de maneira impressionante pelas suas pobresas tão complexas !. Lendo "Anjo Negro" tive um longo encontro com Cordeiro de Andrade, sempre ao lado de sua gente, sempre defensor das classes desfavorecidas, sempre encontrando nas mentalidades mais negativas e estagnadas, muita essência de vitalidade, muita riqueza emocional. Em "Anjo Negro" é generoso como sempre, encontrando Cândida, um símbolo negro, festejando D. Carminha, a mãe magnífica, os garotos ladrões tão cheios de solidariedade e tão humanos ! Principalmente João Ventura que na cadeia, rememora as mais puras e lindas páginas de uma vida que o destino poderia ter amparado se os Matias Fonsecas do mundo não continuassem a espreitar suas vítimas, incapazes ainda de superar seu poderio reacionário. A gente de "Anjo Negro ainda está em todo Brasil se debatendo contra a miséria, o desemprêgo, a falta de higiêne, a falta de escolas e tantos outros flagelos que geram a infelicidade de um povo. Lutando por essa gente é que viveu Cordeiro de Andrade, lutando sempre em sua atividade literária para a constatação de tantas agruras e tantas desgraças no seio do povo. Todos com as suas parcelas de vícios, qualidades morais, desregramentos, virtudes, etc.

"Anjo Negro" é mais um romance retratando a nossa fisionomia. E' um poderoso estimulante para aqueles que concientemente lutam pelo mundo melhor que tem sido tão anunciado nos últimos tempos. Uma mensagem sentida e vivida.

NOTAS

Nas datas da cidade, os funcionários da Prefeitura levam flores ao busto de Pedro Ernesto, presentemente escondido no Passeio Público. Na data da fundação da cidade, nossa reportagem fixou uma dessas homenagens que se repetem anualmente

AUTONOMIA

O povo carioca continua firme em sua campanha pela Autonomia do Distrito Federal. Comícios e campanhas populares se anunciam diariamente nas colunas da imprensa democrática. Em conferências, mesas redondas, etc., profissionais de diversas classes discutem os problemas da cidade, reivindicando a Autonomia. Médicos, professores, operários de diversos setores e principalmente os funcionários da Prefeitura do Distrito Federal.

Em outros tempos, já um Partido Político, o Partido Autonomista, justificava sua razão de ser. "Sob o influxo das idéias novas e atendendo ao velho e palpitante anseio do invicto povo carioca pela Autonomia do Distrito Federal, um grupo de personalidades, marcantes e prestigiosas, deliberou a formação de um partido que desfraldasse a flâmula reivindicadora". Os políticos de ontem ainda estão militando no Distrito Federal e o povo espera daqueles que democraticamente estiveram ao lado de Pedro Ernesto, prossigam lembrando os compromissos que assumiram para "fortalecer a unidade nacional, dar melhor eficiência aos sindicatos e melhorar as condições sociais".

Os anseios normais de ontem assumem proporções de urgência que são alarmantes. Antes não tínhamos ainda a guerra e o fascismo ascendia no mundo e no Brasil. Hoje, vencemos militarmente o fascismo agressor e precisamos esmagar os seus restos que ainda nos ameaçam. Antes, os líderes do povo não tinham a praça pública e um Parlamento fraco sucumbiu com um golpe fascista. Hoje, frações democráticas defendem na Assembléia Constituinte os verdadeiros interêsses populares. Somos um povo que marcha para a Democracia, numa atmosfera de ordem e tranquilidade — lutando pela Unidade e pelo Progresso.

Assim poderemos conquistar a AUTONOMIA DO DISTRITO FEDERAL porque somos os habitantes de uma grande cidade — o coração do Brasil.

NOSOTRAS

"Nosotras", é uma revista das "mulheres comunistas a serviço da Pátria" que se publica mensalmente em Montevidéu, dirigida por Julia Arevalo de Roche, Silvia Mainero de de Leon e Elisa Castelli de Garcia. O número de Janeiro, que acabamos de receber contem interessante colaboração específica demonstrando que o movimento feminino uruguaio vai assumindo um desenvolvimento auspicioso. Saudando o ano novo, as comunistas do país vizinho reafirmam os pontos principais de sua luta: barateamento da vida; trabalho para todos os homens da cidade e do campo; soldos, salários e aposentadorias, de acôrdo com o custo da vida, e reforma agrária e industrialização do país. E' o seguinte o sumário de "Nosotras": "Mulheres de América — Gabriela Mistral"; "A Mulher na Ajuda", de Maria Teresa Ramos de Frasca; "Contra a Carestia: Unidade Nacional", de Silvia Mainero de de Leon; A Mulher na Rússia, de N. Krupskaia; Primeira Convenção Nacional de Mulheres Trabalhadoras, de Maria Celia Ibarburu; Notícias das Delegadas no Congresso de París, de Blanca; Falam para "Nosotras", as operárias da Vidplan; Manhã Bendita, de A. Antonio Corrêa de Oliveira; Nossas Poetisas, Esther de Caceres; Lutemos contra a carestia da vida; Fala para "Nosotras" Elida de Léon, operária textil; Aposentadoria com vinte e cinco anos de serviço, de Maria Julia Campistrous; a mulher do interior, de Elisa Castelli de Garcia, etc., etc.

UNIDADE FERROVIÁRIA

A Associação Profissional dos Ferroviários da E.F.C.B. acaba de lançar o seu boletim interno, dando assim, mais um passo em sua organização pelos interêsses da numerosa classe. Além de conter as reivindicações mais imediatas, o boletim dos ferroviários é um eficiente veículo para o noticiário do interior. "Esfera" se congratula com as atividades democráticas e progressistas de tão fundamental agrupamento de trabalhadores.

REVISTA DO POVO

Está circulando o terceiro número da "Revista do Povo", com excelente colaboração e realizando a sua finalidade democrática de cimentar a cultura popular. Colaboram nêste n.º Brasil Gerson, Mauricio Roitman, Carrera Guerra, Ediria, José Morais, Josué Almeida, Paulo de Carvalho Neto, Breno Acyoli, Roberto Lira Filho, Decio B. Freitas e muitos outros.

LIVROS

TRECHOS ESCOLHIDOS SOBRE FILOSOFIA — *Karl Marx* — Editorial Calvino Limitoda. — A "Coleção de Estudos Sociais" vem apresentando uma série de novos volumes bem orientados para a cultura brasileira. A seleção sôbre Filosofia, trazendo o nome de Paul Nizan, um marxista francês vítima do nazismo, é bem uma garantia para o valor do trabalho que certamente terá o mérito de interessar o leitor na publicação que a Calvino anuncia, das obras completas de Marx. Como introdução ao livro, um ensaio de Guterman e H. Lefebvre esclarece de maneira precisa aquilo que é indispensavel ao conhecimento do leitor estudioso: a evolução da vida e do pensamento de Marx; a sua posição filosófica numa linha progressiva e revolucionária fazendo ruir as falsas bases de um idealismo metafísico que nega os processos científicos das verdadeiras concepções do universo e do comportamento humano. O materialismo de Marx é profundamente acessível mas exige certas condições negadas pelo preconceito de conciência da burguesia que forja as barreiras demagógicas dos inimigos do proletariado rebelados contra a cultura.

TRECHOS ESCOLHIDOS SOBRE ECONOMIA POLÍTICA — *Karl Marx* — Editorial Calvino Limitada. — Completando o volume sôbre Filosofia, nos trechos dêste trabalho o leitor vai ter conhecimento do Positivo em Economia Política e a explicação de como o marxismo longe de ser uma doutrina estagnada, condenada portanto, é uma escola viva. O próprio Lenine repetia as palavras de Marx e Engels — "nossa teoria não é um dogma, mas um manual de ação. Assim, as doutrinas econômicas de Marx encerram os resultados práticos da aplicação dialética do materialismo histórico, na ação social. E' um livro portanto, êste que aconselhamos aos nossos leitores que tem o mérito de desfazer todos os mistérios nêsse terreno fundamental da vida em sociedade.

NOÇÕES FUNDAMENTAIS DE ECONOMIA POLÍTICA — *Luis Segal* — Editorial Calvino Limitada. — Trata-se de um dos compêndios mais importantes sôbre Economia Política, êsse firmado por um catedrático de Economia, Política e Sociologia no Instituto Marx, Engels, Lenine, Stalin, de Moscou. De fato o maior valor dessa obra é o seu carater didático destinando-se a um círculo de leitores ainda alheios à matéria e que sentirá nêsse livro a verdadeira escola para aqueles que se dedicam à cultura marxista. E' portanto um livro fundamental para os estudiosos do Brasil que não tiveram ao seu alcance a edição mexicana pouco acessível pelo seu preço. Estão portanto alargadas as nossas perspectivas do conhecimento e de uma atuação mais segura no momento em que o Brasil dá passos largos para a Democracia.

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO MARXISMO — *F. Engels, A. Talheimer, J. Harari* e *L. Segal* — Editorial Calvino Limitada. — Trata-se de uma reunião de obras fundamentais como: "Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico", de Engels; "Introdução ao Estudo do Materialismo Dialético", de Talheimer; "Introdução à Economia Política", de J. Harari; "O Desenvolvimento Econômico da Sociedade", de L. Segal. E' uma verdadeira antologia de *iniciação sôbre economia política, história e dialética,* como diz o editor no prefácio.

MARX-ENGELS E MARXISMO — 1.° e 2.° volumes — *C. Marx, F. Engels* e *V. I. Lenin* — Editorial Calvino Limitada — Êsses novos dois volumes da "Coleção de Estudos Sociais", reunindo trabalhos diversos de Marx, Engels e Lenin, tem de fato o mérito de contribuir para um mais amplo conhecimento da filosofia marxista. Os leitores brasileiros estão pouco a pouco, encontrando os livros que de há muito estavam privados para um estudo mais completo das doutrinas que respondem pelos interêsses do proletariado. Êstes dois livros trazem antes do índice geral uma citação que o editor julgou oportuna: "O único mal é a exploração do homem pelo homem; a única tarefa, instaurar uma ordem social em que não haja lugar para sua exploração; o único dever, contribuir para a luta em prol dessa ordem social; a única pauta para julgar a conduta humana, verificar se contribue ou se se opõe à causa do socialismo" — Do livro *Lenine, sua vida e sua obra,* de D. S. Mirski.

A QUESTÃO AGRÁRIA — *V. I. Lenine* — Editorial Calvino Limitada. — A questão agrária representa um dos mais sérios problemas brasileiros e é de grande interêsse para os leitores do Brasil. Assim, em três etapas, podemos ter conhecimento: 1.°, o estudo fundamental do problema agrário na Rússia; 2.°, uma série de informes em face do problema concreto e das experiências, e 3.°, os informes de Stalin, sôbre os resultados, na prática, do que foi preconizado por Lenin. Trata-se de uma obra que deveria ser também apresentada em edição popular e amplamente divulgada em nosso país.

MANIFESTO COMUNISTA *Marx-Engels* — Editorial Calvino Limitada — Um volume "Edição Popular" que contem ainda a *Introdução Histórica* de D. Riazanov e *Documentos inéditos e crítica das I, II e III Internacionais.* — As edições populares, vendidas em livrarias e jornaleiros, representam de fato um excelente incentivo à cultura e proporcionam às classes menos favorecidas maiores possibilidades para a aquisição de livros fundamentais.

DUAS TÁTICAS DA SOCIAL DEMOCRACIA NA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA. — *V. I. Lenin* — Editorial Calvino Limitada — Outra publicação da Edição Popular enriquecida com Introdução e Apêndice compostos de diversos documentos que possibilitam melhor interpretação do trabalho. Releva ainda assinalar que se trata de uma tradução bem cuidada e assinada por Luis C. Afilhado.

SOBRE OS FUNDAMENTOS DO LENINISMO — *J. Stalin* — Também em Edição Popular esta importante obra do marxismo-leninismo que traz ainda como apêndice: *Sôbre o materialismo dialético e o materialismo histórico,* e *Em torno dos Problemas do Leninismo.*

O ABECEDÁRIO DA NOVA RUSSIA — *Iline* — Editorial Calvino Limitada — Sôbre o "Abecedário da Nova Rússia", não cabe elogio melhor do que lhe fez Stuart Chase, o autor de "A Tragédia da Dissipação": "Iline contou para as crianças da U.R.S.S. o plano quinquenal. Foi sôbre êste livro que recaiu a escolha do Clube do Melhor Livro (de Nova York), e o livro foi enviado às dezenas de milhares de americanos membros do Clube. Dêste modo, as crianças russas e os adultos americanos, foram postos na mesma escala. Êste fato caracterizará verdadeiramente o grau de cultura dos dois paises? E' preciso que nos convençamos que sim... Desenvolvendo a poesia dos números, mas sem se afastar absolutamente dos fatos, nosso engenheiro-poeta descreve a vida econômica da U.R.S.S, mostra seu passado de ignorância e as modificações extraordinárias que já foram feitas nêsse sentido. Para o russo a vida está cheia de motivos de entusiasmo; ela o chama e o estimula, despertando seu interêsse e seu entusiasmo. Ao contrário para a maioria dos americanos, a vida é sombria e triste; o mundo está cheio de uma incerteza terrível".

RIO - SELVAGEM — *Anna Louise Strong* — Editorial Calvino Limitada — Um grande romance, êste da construção socialista. Nêle estão fixados os flagrantes mais expressivos da vida russa dêsde a revolução até a invasão germânica. A represa do Dinieper é o grande personagem dêsse livro extraordinário, em que a vida se transforma, se edifica e se processam as grandes lutas de trabalho, amor e idealismo. E' um livro que precisa ser lido para que se tenha um conhecimento mais profundo de como o povo russo trilhou no caminho de um mundo melhor, tão ansiado por tôda a humanidade.

ERMOS E GERAIS — *Bernardo Elis* — Edição da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos — Goiânia — Êste volume de contos goianos apresenta um novo escritor bem do nosso tempo. Com um estilo muito pessoal, Bernardo Elis pode ser considerado como um dêsses escritores que é de fato capaz de falar na linguagem do povo. A sua literatura é toda bem emotiva, sem fugir aos assuntos de uma realidade viva e presente. Publicamos nêste número um pequeno conto de Bernardo Elis, em que os nossos leitores poderão encontrar num pequeno conjunto de frases, episódios da vida de nosso povo, bem sentidos e bem humanos.